



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NADSON NASCIMENTO MARTINS

**HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFMA**

São Luís

2025

NADSON NASCIMENTO MARTINS

**HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Perspectivas e Desafios dos Estudantes de
Pedagogia da UFMA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão como requisito para
obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Profª Drª Sirlene Mota Pinheiro da Silva

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento Martins, Nadson.

HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: : perspectivas e desafios
dos estudantes de Pedagogia da UFMA / Nadson Nascimento
Martins. - 2025.

78 p.

Orientador(a): Sirlene Mota Pinheiro da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Ma, 2025.

1. Professor Homem. 2. Educação Infantil. 3.
Relações de Gênero. I. Mota Pinheiro da Silva, Sirlene.
II. Título.

NADSON NASCIMENTO MARTINS

**HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Perspectivas e Desafios dos Estudantes de
Pedagogia da UFMA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão como requisito para
obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob
orientação da Profª Drª Sirlene Mota Pinheiro da Silva

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sirlene Mota Pinheiro da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Francy Sousa Rabelo **2º Examinador(a)**
Doutora em Educação – DEI/UFMA
Universidade Federal do Maranhão

3º Examinador(a)
Doutora em Educação – DEI/UFMA
Universidade Federal do Maranhão

*À minha mãe, Marly Martins, que com
mãos calejadas fez do lar um porto
seguro, de onde parti para conquistar
novos horizontes.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, o meu maior sustento e porto seguro, sei que estás presente comigo em todos os dias da minha vida.

Vencer não é singular, carrego comigo a força de Marly Nascimento Martins, minha mãe, que é o meu maior exemplo de coragem e resiliência. Sei que o mundo não foi muito legal com a senhora, mas não lhe vi desistir em nenhum momento, obrigado por sempre me incentivar nos estudos mesmo tendo que interromper os seus para trabalhar ainda muito jovem. Eu te amo, mãe.

Aos meus irmãos Natália e Nathanael, eu torço muito por vocês, obrigado por serem a minha família.

Ao meu bisavô, Domingos do Nascimento (*in memoria*), meu único e verdadeiro pai, eu era uma criança quando você partiu há mais de 20 anos atrás, e aqui está o seu menino concluindo a graduação em uma Universidade Federal. Escrevo esses agradecimentos ao som de “*Poema*” do Ney Matogrosso e “*lembrei do tempo que eu era criança e o medo era motivo de choro, desculpa para um abraço ou um consolo*”. Saudades dos seus cuidados, te encontro em breve vô!

Aos (as) professores (as) do curso de Pedagogia da UFMA pelas trocas significativas, vocês são gigantes. Em especial a minha Orientadora, Sirlene Mota, pelo aceite, acolhimento e leveza durante o processo de escrita, Gratidão!

Concordo com a Mônica Martelli quando ela fala que “*tem pessoas na vida que a gente esbarra e tem pessoas na vida que a gente encontra*”. Assim, agradeço aos meus “encontros”: Sara, Edson (*in memoria*), Mayara, Dayra, Carolina, Joyce, Pietra, Thay, Olivia, Matheus e todos amigos que não conseguirei mencionar aqui, mas que residem em meu coração, dos antigos aos mais novos, vocês me salvam quando as angústias da vida me assombram e deixam os meus dias mais alegres.

Aos meus amigos da graduação, Tamara Nunes, Mateus D’lucas e Jessyca Ribeiro, sei que nos perdemos ao longo do caminho, mas vocês ocupam um espaço especial no meu coração.

À Keiliane Costa, por esses 5 anos atravessados por muitos seminários, estágios, jantares no R.U e por sempre me incentivar quando estou para baixo, à Marta Paes (*in memoria*), querida amiga, você sempre será lembrada! Aos tantos outros companheiros que a universidade me permitiu conhecer, compartilhar essa experiência com vocês fez com que ela ficasse mais leve.

Às minhas ex-companheiras de trabalho do HSD, Rayane, Hully, Raynara, Raycila, Patricia, Jessica, Dany, Marcleide, Poly e Yasmin, que muito celebraram quando ingressei no curso e me incentivaram a não desistir, vocês foram essenciais no início desse processo e sinto saudades.

Aos meus queridos amigos da Escola Superior do Ministério Público do Estado do Maranhão, à minha amiga Valéria, obrigado por ter sido muito mais que supervisora, por me acolher e ser fonte de inspiração. À querida Sâmia, uma verdadeira mãe que Deus me presenteou, obrigado pelas orações e conselhos. À Giovanna por todo incentivo profissional e acadêmico.

À Emily Jaynara, te levo para a vida, obrigado por dividir os neurônios e os estresses diários. À adorável Emily Martins, companheira de almoços e do sorvete “Romeu e Julieta” que adoramos dividir, obrigado por me “cobrir” durante as minhas saídas para os estágios, você é especial. À Maria Alaíde e todos os nossos papos sobre viagens, shows e apresentações culturais, adoro sua companhia. À Jordana e nossos abraços brutos e quentinhos.

Agradeço a Aparício, Diego, João, Jonas, Márcio, Maxsuel e Victor, suas vozes deram vida a esta escrita, ampliaram reflexões e tornaram possível compreender mais de perto os caminhos, desafios e afetos que atravessam a presença masculina na Educação Infantil.

Obrigado a todos vocês que diretamente ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, dedico a vocês a frase de Antoine de Saint-Exupéry: *“As pessoas que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”* (O Pequeno Príncipe).

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim. Ao meu eu criança, que entre cadernos velhos e brincadeiras de ensinar, já sonhava com esse momento. Agradeço ao adolescente que, com brilho nos olhos e o coração inquieto, se encantou ao ensinar na igreja às crianças bem pequenas da Escola Bíblica Dominical.

Aos pedaços de mim que resistiram quando tudo parecia desabar. Ao que chorou em silêncio, ao que quase desistiu, mas também ao que escolheu continuar, mesmo cansado, mesmo sozinho. Agradeço ao que acreditou quando poucos acreditavam, ao que se reinventou diante das dores, que buscou sentido nos afetos, nas trocas e nas pequenas vitórias do caminho.

*Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte.
(Belchior, 1976).*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender as percepções de alunos homens do Curso de Pedagogia da UFMA sobre a atuação masculina na Educação Infantil, bem como os desafios enfrentados no contexto acadêmico e profissional por esses estudantes e as possíveis contribuições da presença masculina no processo educacional. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva, foi organizada em dois momentos distintos, mas entrelaçados: o primeiro consistiu em um levantamento bibliográfico do tipo Estado da Questão, com um recorte temporal dos últimos cinco anos, buscando mapear as principais discussões e lacunas acadêmicas relacionadas à presença de alunos e professores homens no curso de Pedagogia e docência da Educação Infantil na cidade de São Luís, MA. No segundo momento, foi realizado um estudo de caso, a geração de dados e informações ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos homens que estão matriculados nos últimos períodos da graduação e que já realizaram o Estágio em Educação Infantil, os quais compartilharam suas experiências e desafios tanto na academia, quanto nas creches e escolas. As falas dos discentes foram analisadas qualitativamente, a fim de identificar percepções sobre a docência masculina em um espaço feminilizado, as construções sociais que afastam homens da Educação Infantil e as possíveis contribuições da presença masculina nesse contexto. O levantamento bibliográfico revelou um número reduzido de pesquisas voltadas à temática, com poucos estudos abordando diretamente às percepções de discentes em formação. Além disso, observou-se a escassez de produções acadêmicas recentes que abordem as vivências de estudantes homens de Pedagogia, especialmente na região Nordeste, o que torna este estudo relevante para preencher essa lacuna. Os resultados apontam que a presença masculina na Educação Infantil continua sendo marcada por preconceitos que associam o cuidado e à docência de crianças pequenas ao feminino, reforçando estereótipos de gênero que impactam a escolha e a permanência de homens na profissão. As falas dos entrevistados evidenciam sentimentos de solidão, desconfiança e insegurança, mas também de resistência e desejo de transformação social. A presença masculina na Educação Infantil é vista pelos participantes como uma oportunidade de diversificar o corpo docente, ampliar referências de masculinidade positiva para as crianças e contribuir para a desconstrução de papéis de gênero. Conclui-se que é fundamental implementar políticas públicas, práticas formativas e estratégias institucionais que incentivem a participação de homens na docência da Educação Infantil, combatendo os estigmas ainda presentes na sociedade e promovendo uma educação comprometida com a valorização da diversidade.

Palavras-chave: Professor Homem; Educação Infantil; Relações de gênero

ABSTRACT

This study aimed to understand the perceptions of male students in the UFMA Pedagogy program regarding male roles in Early Childhood Education, as well as the challenges these students face in the academic and professional contexts, and the potential contributions of male participation in the educational process. The research, developed using a qualitative and descriptive approach, was organized into two distinct but interconnected phases: the first consisted of a State of the Matter literature review, covering the last five years, seeking to map the main discussions and academic gaps related to the presence of male students and teachers in the Pedagogy and Early Childhood Education program in São Luís, Maranhão. The second phase consisted of a case study. Data and information were generated through semi-structured interviews with male students enrolled in the final semesters of their undergraduate studies and who had already completed internships in Early Childhood Education. They shared their experiences and challenges in academia, daycare centers, and schools. The students' statements were analyzed qualitatively to identify perceptions about male teaching in a feminized environment, the social constructs that distance men from Early Childhood Education, and the possible contributions of male participation in this context. The literature review revealed a limited number of studies on the topic, with few studies directly addressing the perceptions of pre-service teachers. Furthermore, a scarcity of recent academic productions addressing the experiences of male Pedagogy students was observed, especially in the Northeast region, making this study relevant to fill this gap. The results indicate that the male presence in Early Childhood Education continues to be marked by prejudices that associate the care and teaching of young children with the feminine, reinforcing gender stereotypes that impact men's choice and retention in the profession. The interviewees' statements reveal feelings of loneliness, distrust, and insecurity, but also resistance and a desire for social transformation. The participants see the presence of men in Early Childhood Education as an opportunity to diversify the teaching staff, expand positive masculinity models for children, and contribute to the deconstruction of gender roles. The conclusion is that it is essential to implement public policies, training practices, and institutional strategies that encourage the participation of men in Early Childhood Education teaching, combating the stigmas still present in society and promoting an education committed to valuing diversity.

Keywords: Male Teacher; Preschool Education; Gender Relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quantitativo geral de trabalhos identificados por Descritor.....	23
Quadro 2 - Total de trabalhos encontrados com os descritores na BDTD	24
Quadro 3 - Total de trabalhos encontrados com os descritores no Portal de periódicos da CAPES.....	25
Quadro 4 - Mapeamento de estudos publicados na BDTD e Portal de Periódico da CAPES...	36
Gráfico 1: Percentual total de alunos(as) matriculados(as) no curso de Pedagogia (UFMA) em 2025.1.....	42
Gráfico 2: Percentual de alunos(as) matriculados(as) no curso de Pedagogia (UFMA) por turno em 2025.1.....	43

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNE/CP - Conselho Nacional de Educação

DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

ECA - Estatuto da Criança e Adolescente

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MA - Maranhão

PNE - Plano Nacional de Educação

SEMED - Secretária Municipal de Educação

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UENAL - Universidade Estadual de Alagoas

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICID - Universidade Cidade de São Paulo

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 O caminho metodológico.....	16
2 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTADO DA QUESTÃO.....	22
2.1 O percurso do mapeamento bibliográfico.....	22
2.1.1 Os estudos publicados: dados e discussões.....	25
2.1.2 A contribuição do objeto perante as produções atuais.....	29
3 PRESENÇA MASCULINA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
3.1 Aspectos históricos e legais da docência na Educação Infantil.....	31
3.2 A feminização do Magistério.....	33
3.3 Crenças sociais que afastam homens de espaços feminilizados.....	37
4 O QUE DIZEM OS DISCENTES HOMENS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMA.....	41
4.1 O campo e os participantes da pesquisa.....	41
4.2 Perspectivas sobre a atuação docente em um território historicamente feminino.....	46
5 DOCÊNCIA E MASCULINIDADES: EXISTE ESPAÇO PARA O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?.....	55
5.1 Desafios da escolha profissional no imaginário social.....	55
5.2 Caminhos para a inserção e permanência de homens na Pedagogia e docência da Educação Infantil.....	63
5.2.1 A contribuição do pedagogo homem para a construção de uma educação mais igualitária.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS.....	77
ANEXOS.....	78

1 INTRODUÇÃO

A pedagogia, assim como outras profissões que estão diretamente relacionadas ao cuidado com outro, foram historicamente atribuídas e relacionadas ao papel da mulher imposto pela sociedade patriarcal, repassando esse pensamento entre as gerações. Isso reforça a ideia que a docência, principalmente nos anos iniciais, seria uma “vocação natural” das mulheres, sendo uma extensão dos trabalhos domésticos e maternos. O baixo número de homens ingressando no curso de licenciatura em Pedagogia e atuando nas escolas de Educação Infantil trazem à tona essa construção social, refletindo também os estigmas e preconceitos que rodeiam a masculinidade e o ato de cuidar.

Ingressei no curso de pedagogia em 2020.2, na Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Ao falar sobre a escolha do meu curso e do meu desejo de atuar na docência da Educação Infantil, sempre fui questionado sobre o que eu estava fazendo nesse curso, pois é um “curso de mulher”. Ao ingressar na academia, até me perguntei se, de fato, não era um “curso de mulheres”, devido ao número mínimo de alunos masculinos na turma de ingresso, na qual mais da metade da turma era formada por mulheres. A baixa presença de homens na Educação Infantil e nos cursos de licenciatura em Pedagogia não é uma discussão recente, mas é um tema que desperta debate em todo o contexto educacional, principalmente no que tange às relações de gênero e atuação docente.

A atuação docente na Educação Infantil é historicamente marcada pela presença feminina devido a relação entre cuidar e educar, sendo o cuidar uma função atribuída culturalmente à maternidade. Isso causa estranheza em relação à atuação de homens em escolas de Educação Infantil, pois ao homem, historicamente, sempre foi atribuída à figura de provedor, deixando de lado as funções assistenciais, o que influencia nos preconceitos e estereótipos que envolvem a atuação de pedagogos homens.

No Brasil, dados evidenciam o baixo índice da presença masculina no curso de Pedagogia e, especialmente, na atuação em escolas de Educação Infantil. Segundo Censo Escolar de 2024, aproximadamente 2367.777 mil docentes atuam na Educação Básica brasileira. Desse total, cerca de 687 mil lecionam na Educação Infantil brasileira. Ao analisarmos os resultados do Censo Escolar de 2024,

percebemos que, entre todas as etapas da Educação Básica, essa é a que possui o maior percentual de docentes do sexo feminino em atuação..

As mulheres representam 96,1% dos (as) profissionais que atuam na Educação Infantil, enquanto os homens correspondem apenas 3,9%. Na educação fundamental, outra área de atuação das (os) pedagogas (os), o cenário é semelhante, mas já demonstra um aumento em relação à presença masculina. No ensino fundamental, há um total de 1.431.320 docentes, desses 76,9% são do sexo feminino e 23,1% do sexo masculino. Nos anos iniciais dessa etapa, atuam 784.401 docentes, dos quais 87,2% são mulheres e 12,8% homens (INEP, 2024).

Esses dados evidenciam a desigualdade de gênero com relação à docência, revelando questões socioculturais que naturalizam o cuidado e à docência como atividades exclusivamente femininas.

Ao adentrarmos as instituições escolares, nota-se a presença expressiva de mulheres atuando nas salas de aulas, gestão, secretária e demais espaços das instituições, e raramente a presença de homens. Nos estágios obrigatórios que realizei por meio das disciplinas de Gestão em Trabalho docente I e II, estágio em Gestão e Organização da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e estágio em Docência da Educação Infantil, realizados em quatro escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, apenas 1 homem foi encontrado atuando na sala de aula de uma creche e 1 homem na gestão escolar de outra instituição, não sendo muito diferente do que nos mostram os dados nacionais.

Outra inquietação com relação a escolha do tema e objeto de estudo é quanto à orientação sexual. Por se tratar de um curso majoritariamente feminino, os homens que optam pelo curso de Pedagogia muitas das vezes são colocados à prova quanto à sua orientação sexual, pois, de acordo com as construções sociais, esse curso não é um espaço de prestígio masculino. Dessa forma, os homens que cursam Pedagogia frequentemente sofrem pressão e violação contra a sua intimidade e orientação sexual, sendo invadida, exposta, desrespeitada e invalidada.

Evidentemente este estudo não questiona a atuação predominante das mulheres na docência da Educação Infantil, mas visa demonstrar inquietação referente à representação mínima de pedagogos atuando na docência das infâncias, como o número quase nulo de professores homens atuando na Educação Infantil no ano de 2024.

Assim, o presente estudo busca responder o seguinte problema: quais são as percepções dos alunos homens do curso de pedagogia da UFMA sobre a atuação masculina na Educação Infantil e os desafios que enfrentam ao considerar essa profissão?

O objetivo geral deste trabalho é compreender as percepções de alunos homens do Curso de Pedagogia da UFMA sobre a atuação masculina na Educação Infantil, bem como os desafios e as possíveis contribuições dessa presença no processo educacional. Para alcançar esse objetivo, foram traçados objetivos específicos:

- Compreender as percepções de alunos homens do Curso de Pedagogia da UFMA sobre a atuação masculina na Educação Infantil;
- Identificar os principais desafios e preconceitos enfrentados por esses estudantes no contexto acadêmico e profissional;
- Refletir sobre possíveis estratégias para a ampliação da presença masculina na docência infantil.

Desse modo, o debate sobre as percepções de alunos homens do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bem como em relação a atuação masculina na Educação Infantil, buscando compreender como essas percepções influenciam sua visão sobre a profissão e os obstáculos que enfrentam para atuar nesse campo, faz-se necessário diante dos preconceitos que envolvem a atuação masculina na Educação Infantil, estabelecidos por uma sociedade que impõe aquilo que o indivíduo deve ou não seguir.

1.1 O caminho metodológico

Para compreender os estereótipos de gênero que influenciam a escolha profissional de estudantes masculinos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o caminho metodológico foi fundamental para o sucesso dessa pesquisa. Sua elaboração e implementação nos auxiliaram e nos conduziram por meio de procedimentos e abordagens que foram utilizados durante o estudo proposto. A pesquisa se faz essencial ainda na formação e prática docente, possibilitando uma atuação crítica e reflexiva, através dos momentos de produção coletiva entre professor e alunos em uma prática de ensino/pesquisa. Como destaca

Freire (1996, p. 28)

Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se 'dispõe' a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A "dodiscência" – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa que, para Minayo (1994, p. 21), "se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado", sem desconsiderar também a abordagem quantitativa, utilizando-se de dados estatísticos a fim de estimar os resultados obtidos nas pesquisas. Para aprofundar nossa compreensão, realizamos a combinação da pesquisa exploratória do tipo estado da questão com estudo de caso, o que nos permitiu um aprofundamento nos materiais existentes sobre a temática, assim como os dados que surgirão das entrevistas semiestruturadas. No que tange a pesquisa qualitativa, Prodanov e Freitas (2013) ressaltam que:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. (Prodanov, Freitas, 2013, p. 70).

Além disso, temos adotamos o estudo de caso, conforme discutido por Yin (2001, p.32):

Tal tipo de estudo é uma investigação de carácter empírico de um determinado fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real e cotidiana, sendo que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não estão claramente definidos.

Essa abordagem nos possibilitou uma imersão empírica de um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto cotidiano, proporcionando uma imersão profunda no ambiente de estudo e permitindo capturar as complexidades e nuances que podem impactar nossa compreensão sobre ele.

Assim, a pesquisa contou com a participação de sete alunos masculinos do curso de Pedagogia da UFMA, matriculados nos últimos períodos do curso e que já

realizaram o Estágio em Docência da Educação Infantil. Por meio de uma pesquisa exploratória, procuramos compreender as percepções desses discentes sobre a atuação masculina na Educação Infantil, identificando os desafios enfrentados no meio acadêmico e campo profissional, bem como os impactos que os aproximam ou os afastam dessa etapa da Educação Básica. Refletimos, ainda, sobre as contribuições da presença masculina na desconstrução de estereótipos de gênero.

Para obter dados relacionados ao objetivo da pesquisa, adotamos a técnica de entrevista semiestruturada, envolvendo os alunos masculinos dos 4 últimos períodos dos turnos Vespertino e Noturno do curso de Pedagogia da UFMA. De acordo com Lüdke e André (2018, p. 39):

Na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista.

As autoras ressaltam que esse tipo de entrevista pode trazer à tona informações de maneira mais espontânea e contextualizada. Nesse sentido, a análise dos dados obtidos nas entrevistas se deu por meio da interpretação do diálogo estabelecido com os alunos entrevistados, abordagem que facilita a criação de uma interação capaz de promover uma troca recíproca entre o entrevistador e os entrevistados.

Além disso, a pesquisa qualitativa presente neste trabalho tem uma natureza descritiva, empregando diversas técnicas de interpretação com o objetivo de descrever, decodificar e interpretar os elementos de um sistema complexo de significados. Dessa forma, consideramos todas as sutilezas que permeiam a relação entre as percepções, desafios e estratégias que envolvem a atuação masculina na Educação Infantil.

A técnica de análise de conteúdos nos auxiliou na análise e interpretação dos dados que foram coletados. Essa técnica pode ser utilizada também em pesquisas quantitativas, por meio dela nos aproximamos do objeto estudado, mesmo sendo um processo complexo, debruçando-se sobre os sujeitos e a realidade que estão inseridos. Segundo Gomes (2002, p.74) “a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa”. Desse modo, a análise não se limitou apenas ao processo final da pesquisa, mas ocorreu

desde a coleta de dados, desempenhando funções essenciais para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa:

[...] através da análise de conteúdos, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as informações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado (Gomes, 2002, p. 74).

Durante a análise de conteúdo, uma ferramenta essencial para auxiliar esse procedimento foi a categorização, que, para Gomes (2002, p. 70), “trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. Por meio dela, identificamos, organizamos e classificamos os aspectos que possuíam alguma ligação. Essas classificações podem variar, mas se aproximam dos objetivos da pesquisa.

Segundo Gomes (2002), a análise de conteúdo compreende três fases e que foram essenciais no processo de análise e interpretação dos dados coletados na entrevista semiestruturada: a organização do material a ser analisado, exploração e aprofundamento do material e interpretação do que está sendo manifestado.

A primeira fase se deu pela organização dos materiais a serem analisados:

[...] organizamos o material a ser analisado. Nesse momento, de acordo com os objetivos e questões de estudo, definimos, principalmente, unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. Para isso, faz-se necessário que façamos uma leitura do material no sentido de tomarmos contato com sua estrutura, descobrimos orientações para a análise e registramos impressões sobre a mensagem (Gomes, 2002, p.76).

A segunda é a mais longa das etapas, que possibilitou durante essa fase a leitura diversas vezes do mesmo material e a terceira fase que

[...] ocorre a partir de princípios de um tratamento quantitativo. Entretanto, como estamos apresentando procedimentos de uma análise qualitativa, nessa fase devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações estatísticas, nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando (Gomes; 2002; p.76).

Desse modo, apropriar-se da técnica de análise de conteúdos nos auxiliou na interpretação dos dados coletados, separando as hipóteses e intuições, dando credibilidade para a interpretação, afastando-nos das ideias do senso comum e proporcionando um real aprofundamento no objeto de estudo.

Este trabalho está organizado em seis seções, cada uma com um foco específico para abordar de forma abrangente a presença masculina nos cursos de Pedagogia e atuação na docência da Educação Infantil.

A primeira refere-se à *Introdução*, apresentando a justificativa, a problemática, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa, contextualizando a importância do estudo para a quebra dos estereótipos de gênero que envolvem a presença masculina nos cursos de Pedagogia e a prática docente de homens na Educação Infantil, além de expor o percurso metodológico que nos possibilitou alcançar os resultados obtidos neste trabalho.

A Segunda seção, *Homens na Educação Infantil: o Estado da Questão*, oferece o levantamento bibliográfico e uma análise crítica do estado atual das pesquisas sobre Homens na Educação Infantil, realizando um mapeamento das lacunas, contribuições e debates na literatura.

A terceira seção, *Presença Masculina na Educação Infantil*, apresenta os aspectos históricos e legais sobre a presença masculina na docência da Educação Infantil, apontando os direcionamentos dos dispositivos legais sobre a atuação docente nessa etapa da educação, bem como os aspectos históricos e culturais que afastam os homens desse campo de trabalho.

A quarta seção, *O que dizem os discentes homens do curso de Pedagogia da UFMA*, analisa as percepções dos estudantes masculinos sobre suas motivações para escolha do curso, compreensão sobre a docência na educação Infantil e seus pensamentos sobre a presença rara de professores homens atuando com crianças pequenas.

A quinta seção *Docência e Masculinidades: Existe espaço para o professor homem na Educação Infantil?*, identifica os principais desafios, preconceitos e discriminações que esses estudantes enfrentam por terem escolhido o curso de Pedagogia e as barreiras para se inserirem nesse espaço que ainda causa estranheza quando é assumido ou frequentado por homens, bem como as possíveis estratégias para rompermos os estereótipos de gênero que envolvem a docência masculina na educação infantil e as contribuições da figura masculina para as crianças.

Finalizando, a sexta seção, *Considerações Finais*, sintetiza os principais achados da pesquisa, discutindo suas contribuições para a docência masculina na Educação Infantil, as estratégias para o rompimento dos estigmas que ainda

delimitam o que é considerado feminino ou masculino de acordo as normas impostas pela sociedade, sugerindo direções para as futuras pesquisas envolvendo a temática.

A partir das vozes dos estudantes homens do curso de Pedagogia da UFMA, buscamos, com esta pesquisa, conhecer suas percepções sobre a atuação masculina nesse espaço, suas trajetórias e motivações, que servem como combustível para não desistirem e permanecerem firmes ao longo do percurso formativo. Assim, refletimos também sobre como essa presença pode contribuir para a quebra de normas e padrões que influenciam a escolha e o desenvolvimento profissional de homens e mulheres.

2 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTADO DA QUESTÃO

Esta seção apresenta uma análise detalhada sobre a presença masculina de homens nos cursos de Pedagogia e na docência da Educação Infantil, com base nos principais achados de uma pesquisa bibliográfica do tipo Estado da Questão, realizada no quantitativo geral de trabalhos identificados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES.

Após leitura e análise cuidadosa, foram selecionados os estudos mais relevantes que contribuíram e nortearam esse trabalho. Para melhor entendimento, a seção foi dividida em quatro subseções: o percurso de mapeamento bibliográfico, os estudos publicados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES, o que os achados da pesquisa bibliográfica nos revelam e as contribuições da nossa pesquisa em relação ao estado atual dessas produções.

2.1 O percurso do mapeamento bibliográfico

O progresso do projeto e as estratégias de pesquisa foram conduzidos mediante análises bibliográficas baseadas no estado da questão. Esse processo foi fundamental para alcançar os objetivos propostos, além de auxiliar na elaboração de um mapeamento e planejamento apropriados. Nesse sentido, Nóbrega-Therrien; Therrien (2004, p. 7) destacam que:

A finalidade do 'estado da questão' é de levar o pesquisador a registrar, a partir de um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação no estado atual da ciência ao seu alcance. Trata-se do momento por excelência que resulta na definição do objeto específico da investigação, dos objetivos da pesquisa, em suma, da delimitação do problema específico de pesquisa.

Com o objetivo de explorar pesquisas e as discussões de autoras e autores de diversas regiões do país sobre "Homens na docência da Educação Infantil" através das percepções dos alunos homens do curso de Pedagogia, foi realizada uma revisão bibliográfica baseada no Estado da Questão, o que nos possibilitou mapear produções acadêmicas que enriqueceram esta pesquisa.

O levantamento foi realizado com base na plataforma científica Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca digital de Teses e Dissertações (BDTD). Além disso, estabeleceu-se um recorte temporal dos últimos cinco anos, com a busca em

maio de 2025. Para auxiliar no percurso da pesquisa, utilizamos os descritores "masculinidades", "educação infantil" e "prática docente", fazendo uso de aspas e o operador booleano AND para encontrar apenas os artigos que contenham todas as palavras-chave inseridas. Os dados foram cuidadosamente analisados, considerando os objetivos da pesquisa, o que nos permitiu identificar a contribuição que nosso estudo pode oferecer à produção científica atual.

Quadro 1 - Quantitativo geral de trabalhos identificados por Descritor

BDTD			
Ano	Descritores		
	Masculinidades	Educação Infantil	Prática docente
2020 - 2025	6.603	2.884	2.946
Portal de Periódicos da CAPES			
Ano	Descritores		
	Masculinidades	Educação Infantil	Prática docente
2020 - 2025	779	7.058	3.500
Total Geral	23.770		

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

O quadro 1 apresenta o quantitativo geral de produções acadêmicas por descritor nas plataformas Portal de Periódico da CAPES e BDTD, que na primeira busca, dentro do período estabelecido, ao usar o descritor "masculinidades" foram encontrados 7.382 resultados, apresentando um número expressivo de trabalhos, o fato de não estar atrelado a nenhum outro termo implicou na descoberta de diferentes produções, esse resultado nos revela o crescimento contínuo de debates em torno das questões de gênero e suas nuances em diferentes áreas.

Na segunda pesquisa, ao utilizarmos apenas o descritor "educação infantil", conseguimos mapear 9.942 produções nas duas plataformas e finalizando, foram encontrados 6.446 trabalhos ao utilizarmos apenas o descritor "prática docente", apesar de serem usados isoladamente, os descritores "educação infantil" e "prática docente" nos revelam uma constância ao longo dos anos, com produções acadêmicas que se debruçam sobre a educação infantil e a atuação docente como campo de pesquisa, evidenciando suas potencialidades, as dificuldades, o cotidiano escolar e diversos assuntos que atravessam esse espaço.

Ao final dessa busca constatou-se um grande número de produções acadêmicas. No entanto, ao analisar algumas produções identificou-se uma

quantidade elevada de trabalhos que não estavam relacionados ao nosso objeto, desviando-se do nosso foco.

Diante disso, para a refinação das produções referentes ao objeto deste estudo fez-se necessário a alteração dos descritores para refinamento da pesquisa, desse modo utilizamos a combinação dos novos descritores: “professor homem”, “educação infantil” e “pedagogia”, “homens”, “pedagogia” e “estágio”, utilizou-se as aspas e a combinação dos descritores por meio do booleano AND, conforme os quadros abaixo:

Quadro 2 – Total de trabalhos encontrados com os descritores na BDTD

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)						
Descritor 1	Booleano	Descritor 2	Booleano	Descritor 3	Resultados	Relacionados à temática
professor homem	AND	educação infantil	AND	pedagogia	3	3
homens	AND	pedagogia	AND	estágio	12	1
Total					14	4

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

O quadro 2 mostra que na primeira busca na BDTD, dentro do recorte temporal de 5 anos, foi necessário utilizar o descritor “professor homem” com operador booleano AND e os descritores “educação infantil” e “pedagogia”, o que resultou em 3 trabalhos encontrados e que estão relacionados à temática. Na segunda tentativa, com o descritor “homens”, o operador booleano AND e os descritores “pedagogia” AND “estágio” foram localizados 12 trabalhos na BDTD, após uma análise dos títulos, palavras-chave e resumos, identificamos que apenas 1 estava relacionado ao nosso tema. Dessa forma, ao utilizarmos o booleano AND e a combinação com os outros descritores, os resultados foram reduzidos para 14 produções científicas achadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), dentre as quais apenas 4 estão relacionados a nossa temática.

Quadro 3: Total de trabalhos encontrados com os descritores no Portal de periódicos da CAPES

Portal de periódicos da CAPES						
Descritor 1	Booleano	Descritor 2	Booleano	Descritor 3	Resultados	Relacionados à temática
professor homem	AND	educação infantil	AND	pedagogia	2	0
homens	AND	pedagogia	AND	estágio	7	2
Total					9	2

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

O quadro 3 nos revela que, no Portal de Periódicos da CAPES, ao utilizarmos os descritores “professor homem”, “educação infantil” e “pedagogia”, combinando com o operador booleano AND, foram encontradas duas produções científicas que não se relacionam com o objeto de estudo. Ao realizarmos a segunda tentativa, utilizamos os descritores “homens”, “pedagogia” e “estágio”, fazendo a combinação com o operador booleano AND, obtivemos 7 produções, dentre as quais apenas 2 se relacionam com o nosso trabalho. Após esse levantamento, foram encontrados no Portal de Periódico da CAPES, 9 produções acadêmicas, 2 achados que se relacionam com esse estudo.

Após o refinamento nas buscas de produções para nos auxiliar na construção desse estudo, foram encontrados nas duas plataformas um total de 6 produções acadêmicas, que foram utilizados para aprofundamento sobre o objeto de estudo e também serviram como base para o desenvolvimento do nosso trabalho

2.1.1 Os estudos publicados: dados e discussões

O quadro a seguir apresenta o mapeamento dos estudos publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódico da CAPES, no período de 2020-2025, com busca realizada em maio de 2025. Este mapeamento inclui informações sobre os (as) autores, objetivos, temáticas, locais e anos das pesquisas.

Quadro 4 - Mapeamento de estudos publicados na BDTD e Portal de Periódico da CAPES

Autores / Ano	Título	Plataforma	Local
João Vitor Barbosa Santos, Carla Manuella de Oliveira Santos, 2023.	“MÃE, EU TENHO CINCO TIAS” UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRESENÇA MASCULINA NA CRECHE.	Portal de Periódico da CAPES	UNEAL
Gabriel Rocha Monteiro, 2021.	AS REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS DO GÊNERO MASCULINO NO CURSO DE PEDAGOGIA: HOMENS E IDENTIDADES NA ROTA DE CONFLITOS	BDTD	UFMA
Robervaldo Neri dos Santos Passos, Alice Costa Macedo, 2020.	AFETO É PALAVRA MASCULINA: EXPERIÊNCIAS DE UM ESTAGIÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO RECÔNCAVO DA BAHIA	Portal de Periódico da CAPES	UFRB
Leonardo Felipe Gonçalves Duarte, 2023.	GÊNERO E EDUCAÇÃO: O QUE PENSAM OS PROFESSORES HOMENS SOBRE A SUA INSERÇÃO E ATUAÇÃO EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL	BDTD	UNICID - SP
Thiago Nicolau Ferreira de Andrade, 2022.	HOMENS PEDAGOGOS: UMA ANÁLISE DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA (2018- 2022)	BDTD	FE/UFG
Jéssica Daniele Fávaro, 2020.	PROFESSORES HOMENS: SUAS TRAJETÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	BDTD	UNESP

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Dentre os resultados, ao verificar as produções que analisam as perspectivas dos estudantes homens do curso de Pedagogia, destacam-se os trabalhos de João Santos e Carla Santos (2023), que deliberam sobre as vivências de um graduando de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL considerando as discussões sobre a presença masculina na creche o objetivo geral dos(as) autores é evidenciar presença masculina em uma turma de Creche durante o estágio de docência na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UNEAL, Gabriel Monteiro (2021), que analisa as tensões vivenciadas por alunos homens do curso de Pedagogia, o autor analisou as representações dos alunos do gênero masculino no Curso de Pedagogia na cidade de Imperatriz - MA, Robervaldo Passos e Alice Macêdo (2020), que trazem a experiência acadêmica de um estudante de Pedagogia na sua atuação no estágio de Docência na Educação Infantil no Recôncavo da Bahia, os autores buscaram refletir sobre a presença de homens em espaços institucionais de educação e, mais especificamente, no cuidado de crianças pequenas.

Os demais achados se aprofundam sobre a presença masculina na Educação Infantil por meio das percepções de professores já atuantes na docência da Educação Infantil, destacam-se os escritos de Leonardo Duarte (2023), que levou em consideração os pensamentos sobre a inserção e atuação dos professores homens da Educação Infantil no estado de São Paulo na tentativa de identificar como se dá o processo de inserção do professor homem na educação infantil para compreender as possibilidades e dificuldades encontradas pelos professores homens para a sua inserção nas instituições de educação infantil e em seu processo docente cotidiano.

A pesquisa de Thiago Andrade (2022) surgiu devido às inquietações com o baixo número de pedagogos homens atuando na rede municipal de Goiânia - GO e tinha como objetivo analisar e refletir a prática docente do professor homem e as nuances que envolvem esse profissional, bem como a forma como ele é percebido na comunidade escolar e Jéssica Fávaro (2020), que traçou a trajetória de três professores homens atuantes na Educação Infantil em um interior do estado de São Paulo com o objetivo de analisar, na ótica dos professores do sexo masculino atuantes na educação infantil, as suas trajetórias, as expectativas e desafios referentes à profissão por eles escolhida, de forma criar subsídios para desconstrução da ideia de “divisão sexual do trabalho” e o ato de “cuidar” como algo inerente apenas ao gênero feminino.

Essas temáticas refletem a diversidade e complexidade dos desafios e práticas dos alunos homens dos cursos de Pedagogia e dos professores homens atuantes na Educação Infantil no Brasil.

A presença masculina na Educação Infantil ainda causa estranhamento devido ao estereótipos estabelecidos pela sociedade, apesar das transformações históricas e sociais que atravessaram a humanidade e a configuração das profissões, dessa forma a atuação na Educação Infantil acaba sendo um cenário que provoca tensões e deslocamentos para o homem que deseja atuar na docência em Educação Infantil, muitas vezes percebidas ainda no processo de formação como nos estágios obrigatórios do curso de licenciatura em Pedagogia, realizados geralmente em creches e escolas de crianças bem pequenas.

Conforme Santos e Santos (2023) “A presença masculina em creches é algo relativamente novo ou quase inexistente, por causar estranhamento ou preconceito por parte da sociedade” (Santos; Santos, 2023, p.2616), tendo a mulher como figura

central quando se trata dos cuidados com as crianças bem pequenas, figura essa atribuída socialmente devido à figura materna.

Segundo Passos e Macedo (2020), ao relatarem suas experiências no estágio em Educação Infantil no recôncavo da Bahia reforçam essa realidade, em um dos seus escritos, um dos autores, relata que o fato de escolher estudar Pedagogia e atuar na educação dos pequenos “foi vetor de muitas situações constrangedoras relacionadas à escolha do curso e igualmente por desejar ser professor da Educação infantil”, tendo em vista que esse espaço “foi e continua sendo um espaço de ocupação feminina” (Passos; Macedo, 2020, p.797).

Em sua tese de dissertação Monteiro (2021) reforça que mesmo diante de um espaço educacional cada vez mais inclusivo, ainda “há uma série de barreiras impostas ao sujeito do gênero masculino que deseja adquirir sua formação inicial no Curso de Pedagogia e atuar na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental” (Monteiro, 2021, p.10).

Podemos verificar por meio desses relatos iniciais dos autores que os desafios da atuação masculina na Educação Infantil são marcados pelas questões de gênero, sendo um marco simbólico que ainda delimita o pertencimento a certas profissões, como a aqui discutida, à docência em Educação Infantil.

Andrade(2022) critica os estereótipos que envolvem a presença masculina na Educação Infantil como os pensamentos que delegam ao homem o papel autoritário e de rigidez, o que os impediria de atuar com crianças bem pequenas por lhes faltar terminar e afeto, o autor também relata que um dos seus entrevistados foi impedido de fazer o estágio em uma escola de educação infantil, trazendo à tona os preconceitos que os estudantes homens enfrentam durante o processo formativo, evidenciando que o estágio é um processo de formação profissional, mas que as escolas ao impedirem essas atuações por preconceito, consolidam que o espaço das creches e pré-escola é permitido apenas ao feminino, comprometendo a formação e atuação profissional de diversos homens que cursam a Pedagogia.

Para Fávaro (2020), em sua tese de mestrado confirma que as questões de gêneros e pensamentos limitados moldam a sociedade e a forma como ela delega determinadas profissões tendo como ponto de partida o gênero e isso influência diretamente na desvalorização de profissões tidas como “femininas”,

[...] as profissões sofrem influência das diferenciações de gênero colocando homens e mulheres em patamares distintos da sociedade onde há uma maior desvalorização das profissões tidas como femininas, entre elas, a docência nas etapas iniciais da escolarização (Fávaro, 2020, p.27).

Os estudos evidenciam que os professores homens que desejam atuar na docência da Educação Infantil enfrentam não somente desconfiças e estranhamentos, mas precisam constantemente comprovar que são competentes para assumirem a gestão de sala de crianças bem pequenas (Fávaro, 2020, p.9; Duarte, 2023, p. 111).

Além da vigilância das famílias, coordenadores e muitas das vezes dos próprios membros da comunidade escolar recaem sobre os corpos e gestos desses professores homens, as representações simbólicas e salariais também são dificuldades relatadas pelos entrevistados das pesquisas. Essa percepção relaciona-se com a desvalorização profissional de profissões que estão ligadas ao feminino e do preconceito que homens que optam por essa profissão tem sua sexualidade colocada à prova, pois um homem que cuida e educa é visto como “menos homem” que outros (Duarte, 2023).

Apesar dessa problemática ser um ponto que liga todos os achados e as dificuldades enfrentadas por esses homens, os autores destacam, por meio das narrativas de alunos homens do curso de Pedagogia e de professores homens que atuam na Educação Infantil que o ato de entrar nesse espaço revela-se como um ato de resistência e reconstrução de identidades, conforme (Fávaro, 2020) ao destacar a fala de professores que por meio das suas atuações em escolas de Educação Infantil passaram por um processo de desconstrução de seus próprios preconceitos com relação aos seus pensamentos e que agora já conseguem entender a importância das suas práticas educadoras de grande importância para a formação e desenvolvimento das crianças.

Dessa forma a presença masculina na Educação Infantil também pode contribuir para a diversidade de referenciais de masculinidades para os pequenos e desconstrução de estereótipos de gênero tão presentes na sociedade.

2.1.2 A contribuição do objeto perante as produções atuais

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, os professores que atuam nessa etapa são responsáveis por auxiliar as crianças por meio do cuidar

e educar a desenvolverem competências e habilidades (Brasil, 2017). Homens que desejam atuar na Educação Infantil enfrentam além dos seus medos e preconceitos internos, desvalorização salarial e estigmas construídos socialmente, levantando inquietações sobre a figura masculina nesses espaços.

Mesmo não havendo impedimentos legais referente ao gênero para tal atuação, o número de homens na docência dessas escolas ainda se mostra um número expressivamente baixo, assim como o número de alunos homens no curso de Pedagogia. Apesar desse direcionamento, ainda há uma escassez na produção acadêmica sobre esses sujeitos nos últimos 5 anos, não havendo nenhuma produção no ano de 2024 e nem no primeiro semestre de 2025, evidenciando que as vozes de alunos homens do curso de Pedagogia nem sempre são acolhidas.

Ao mapear as produções na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES, observa-se que as percepções dos homens que ainda estão em processo de formação precisam serem ouvidas para conhecermos as suas perspectivas, dificuldades e fatores que os impulsionam a continuarem nesse espaço majoritariamente feminino.

Diante disso, a proposta da pesquisa visa preencher a lacuna de produções acadêmicas sobre a temática, principalmente na região nordestina e nos anos de 2024 e 2025, com um olhar específico sobre as percepções desses alunos. Assim, busca-se contribuir para uma compreensão mais abrangente da atuação de homens na Educação Infantil e desconstrução dos estereótipos de gênero que recaem sobre esses sujeitos, considerando as percepções dos estudantes homens do curso de Pedagogia.

Na seção seguinte, detalharemos sobre como se deu a coleta de dados, o campo da pesquisa e os sujeitos entrevistados, analisaremos o que dizem os estudantes da UFMA sobre as suas perspectivas com relação a presença masculina no curso de Pedagogia e docência da Educação Infantil.

3 PRESENÇA MASCULINA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta seção versa sobre a presença masculina na Educação Infantil, abordando os aspectos históricos e legais da Educação Infantil e da docência nesse espaço, que, a princípio, não surgiu para todos, mas com a evolução e as reformas educacionais, tornou-se um direito de todos.

O texto explora como a docência na Educação Infantil mudou ao longo dos anos, ressaltando que o tratamento e a percepção de Educação Infantil transformaram-se desde o período colonial e analisando o que os dispositivos legais estabelecem acerca da atuação docente na Educação Infantil.

Abordamos também sobre o fenômeno determinado feminização do magistério, que teve início no fim do século XIX e permanece até os dias atuais, como um movimento histórico que evidencia a luta das mulheres pelo acesso à educação, pela garantia de sua autonomia e pela conquista de espaços que outrora só era permitido ao masculino.

Além disso, discutiremos as crenças e moldes impostos pela sociedade, que determinam o que é ou não masculino e feminino, normas sociais que afastam homens da docência da Educação Infantil, tornando-se barreiras e impedimentos para estudantes homens do curso de Pedagogia que pretendem atuar na docência de escolas de Educação Infantil.

3.1 Aspectos históricos e legais da docência na Educação Infantil

No período colonial seguindo um protocolo determinado por Portugal, baseado na união entre a Igreja e Estado atrelados pela ideia central catequizadora, os jesuítas, primeiras figuras masculinas no contexto docente da história do Brasil, tinham como objetivo retirar o paganismo de crianças indígenas a partir dos costumes cristãos, influenciando, assim, na conversão dos adultos. Ao afirmar que “a infância é um discurso histórico cuja significação está consignada ao seu contexto e às variáveis de contexto que o definem” (Kuhlmann Jr; Fernandes, 2004), compreende-se que a mudança histórico-social molda as diferentes infâncias.

Até o século XVII a sociedade não refletia adequadamente sobre o que era a criança. Pois devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil era afetada, dessa forma seu papel era resumido a um ser ao qual não poderiam se apegar.

Destarte, não havia diferenciação entre adultos e criança, vistos apenas como pequenos adultos, sendo assim, sua principal função era aprenderem algum ofício para se tornarem úteis. A partir da chamada “descoberta da infância”, as crianças passam a ser “paparicadas”, consideradas inocentes como o menino Jesus.

Em 1988, como consequência de grandes movimentos sociais para ampliação escolar e melhorias no acesso educacional, a Constituição reconheceu a necessidade de um ensino pré-escolar e infantil que serviria de ponte para o ensino fundamental. Esse marco influenciou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, seguido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996 (Lei nº 9.394/1996). Atualmente, a Educação Infantil no Brasil segue a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 20 de dezembro de 2017, que estabelece aprendizagens e direitos de desenvolvimento organizados por meio dos campos de experiências.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, voltada para o desenvolvimento integral das crianças até os cinco anos. Este período é crucial para a formação dos indivíduos, influenciando significativamente suas futuras aprendizagens e socialização. No Brasil, a atuação docente nessa etapa da Educação Básica é regulamentada por alguns dispositivos legais, que garantem o direito à educação, estabelecem metas, aprendizagens a serem desenvolvidas e formalizam a atuação de professores, independentemente do gênero.

Ao analisarmos os requisitos para a atuação docente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece em seu artigo 62 que para atuar na Educação Básica, o docente deve preferencialmente possuir no mínimo o diploma de licenciatura plena em Pedagogia;

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Brasil, 2017)

O Plano Nacional de Educação (PNE), instituído pela Lei 13.005/2014, documento que determina diretrizes, metas e estratégias para a educação brasileira, define na meta 15 que todos os docentes que pretendem atuar na Educação Básica, em especial na Educação Infantil, precisam ter formação superior específica na área

em que desejam atuar. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação inicial de professores, aprovadas pela Resolução CNE/CP nº 2/2019, estabelece que os cursos de licenciatura devem articular teoria e prática desde o início da formação.

Homens e mulheres que pretendem atuar na docência da Educação Infantil devem cumprir os requisitos mínimos para tal atuação, como a formação em curso superior na área em que pretendem atuar. Nenhum dos dispositivos legais da educação mencionados estabelece distinção de gênero para aqueles que pretendem atuar como educadores da Educação Básica, fazendo cumprir um dos princípios básicos da Constituição Federal de 1988, que estabelece no artigo 5, inciso I que “homens e mulheres são iguais perante as suas obrigações”.

Desse modo, observa-se que não há impedimentos legais que afastem os homens de atuarem na docência da Educação Infantil. Contudo, persistem barreiras econômicas, culturais e sociais que influenciam a baixa atuação masculina no campo da Educação Infantil.

3.2 A feminização do Magistério

Durante anos, as mulheres enfrentam barreiras sociais que envolvem seus corpos, seus direitos e sua liberdade. Com o fim do século XIX e a chegada do novo século, a mulher, passa a ser concebida como um símbolo ideal de pureza, ternura e bondade e sob a visão do catolicismo lhe foi atribuída a imagem da virgem Maria, sendo então sua função atribuir esses princípios a sociedade.

A presença majoritária feminina na educação nos leva a refletir sobre as lutas e conquistas das mulheres que, por muitos anos tiveram o direito à educação negado em nosso país, seja como educadoras e educandas. No Brasil, o acesso das mulheres à educação aconteceu de forma tardia, desde o “descobrimento” no ano de 1500 até 1827, somente os homens tinham a garantia e o acesso aos estudos e autorização para exercer a profissão docente, ser professor era uma profissão exclusiva masculina. Esse cenário mudou com a promulgação da Lei Geral em 15 de outubro de 1827, sancionada por Dom Pedro I, que permitiu o ingresso feminino, ainda que com restrições quanto ao currículo e às condições de ensino.

A publicação original da referida Lei destaca:

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórma do art. 7º (Brasil, 1827).

As escolas femininas eram separadas das masculinas e possuíam características e objetivos diferentes. Os conteúdos matemáticos, por exemplo, eram reduzidos e os assuntos relacionados ao cuidado da casa e esposo eram predominantes na estrutura curricular. Se o acesso à educação fundamental aconteceu de forma lenta e repleta de dificuldades, o acesso às universidades aconteceu a curtos passos e sem muito interesse da participação efetiva das mulheres nas salas de aulas dos cursos superiores, apenas em 1879 elas tiveram esse direito garantindo, entretanto com a ressalva de que as meninas solteiras, só poderiam ingressar ao Ensino Superior com a liberação dos seus pais e as mulheres casadas, com o consenso e liberação dos seus esposos.

No entanto, apesar do direito à educação garantido com a promulgação da Lei Geral do ensino em 15 de outubro de 1827, a educação feminina, a princípio tinha como fim “preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos” (Almeida, 1996, p.19) e em hipótese alguma era levado em consideração a possibilidade de lhes dar a oportunidade de direito ao trabalho remunerado.

Apesar de terem conquistado o acesso à educação, as imposições e relações de poder tornaram-se ainda mais evidentes, pois a educação das mulheres, instruídas pelos homens deu continuidade a “educação familiar” e o pensamento enraizado da sociedade patriarcal era que estas mulheres, agora educadas, perdessem o gosto pela sua “sagrada” missão e que o intelectualismo, advindo por meio do acesso à educação, lhes causasse fadiga e corrompesse a sua fertilidade e o ciclo de reprodução.

A potencialização da industrialização e a demanda por trabalhadores no Brasil no fim do século XIX influenciaram a evidência dada para a mão de obra feminina, mas apesar de “conquistarem” espaço na docência, as mulheres, em seu campo de trabalho, eram desvalorizadas e discriminadas, sendo impedidas de assumirem

cargos de chefia ou de supervisão escolar, sendo estes exclusivos dos homens (Almeida, 1996), além de terem que cumprir alguns requisitos que não estavam relacionados a questões profissionais ou competências a serem desenvolvidas, como o celibato, serem viúvas ou solteiras, para que continuassem expressando a imagem de “ternura”.

Assim, o fenômeno denominado feminização do magistério é um processo histórico que evidencia o cenário atual da docência em classes primárias, a exclusão das mulheres na história da educação brasileira representa a figura da dominação patriarcal, das mulheres era tirado a autonomia ao tempo em que lhe era negado a instrução.

Dessa forma, afastando-se dos discursos equivocados e naturalizados que a predominância das mulheres em classes escolares dos anos iniciais é uma “determinação biológica” e/ou “vocação feminina”, discursos esses que potencializam a desvalorização das lutas das mulheres pelo direito de terem acesso a salas de aula, de exercerem uma profissão, influenciam a precarização da prática docente na Educação Infantil e dos sujeitos que ali atuam, vistos meramente como profissionais assistencialistas, que atuam na maioria das vezes em ambientes insalubres, com baixas remunerações, com o mínimo de recurso fornecido para efetivação das atividades e vulneráveis a fatores externos e internos que prejudicam o desempenho docente, ignorando seus condicionantes históricos, culturais, sociais e econômicos que potencializaram a presença feminina nesse espaço que outrora era apenas garantido ao masculino.

A feminização do magistério no Brasil foi consolidada ainda no século XIX e começo do século XX e prevalece ainda nos dias atuais nos diferentes níveis de educação, seja como docentes ou discentes, esse processo não se deu apenas devido à expansão do campo educacional e da escolarização primária, mas também pela desvalorização profissional e o abandono dos homens, que apesar do desinteresse por essa área, não aceitaram a chegada das mulheres de forma passível, pois nos moldes dos pensamentos daquela época, se denominava a perda de poder de um espaço profissional.

Segundo Almeida (1996), outro fator determinante para a expansão da presença feminina foi o aumento da moralização do espaço escolar configurado pelos “impedimentos morais dos professores educarem meninas e a recusa à

coeducação dos sexos, liderada pelo catolicismo conservador” (Almeida, 1996, p.64), dessa forma, a resistência da igreja fomentou a consolidação da imagem da professora como uma “segunda mãe”, mas apesar do pensamento conservador e assistencialista e desses fatores antecedentes, não se pode silenciar as lutas que as mulheres, incansavelmente enfrentaram para que tivessem direito à educação e ao magistério.

Foi por meio do magistério, que muitas mulheres tiveram a oportunidade de conquistar a sua autonomia e de inserção nos espaços profissionais e políticos.

Minimizar a atuação das professoras, como sujeito histórico, com seus comportamentos de transgressão e resistência aos padrões impostos possibilita a emergência, nos estudos atuais, de um complexo de "vitimização" feminina que em muito tem colaborado para desmerecer a profissão e as próprias mulheres (Almeida, 1996, p.67).

Assim, confirmamos que as mulheres não foram “beneficiadas” ou “premiadas” por instinto ou vocação, mas que, mesmo tendo a sua inserção nesse espaço profissional não aceito pelos homens conseguiram estrategicamente nesse processo, a legitimação de sua presença no espaço escolar e no exercício de profissões remuneradas. Concordamos com Almeida (1996) ser professora não é ser uma segunda mãe, esse pensamento estereotipado limita o desenvolvimento e as oportunidades educacionais e profissionais das mulheres, o ato de uma mulher tornar-se professora foi um dos primeiros passos para a entrada e permanência das mulheres nos campos profissionais, sendo a porta de entrada das mulheres na educação formal e no mercado de trabalho. Ser professora não se resume a preencher a figura da mãe na creche ou pré-escola, mas significa um espaço de garantia de direitos, lutas e conquistas.

Viabilizar a Educação Infantil como campo feminino ou masculino renega impasses históricos que criam divergências de gênero. De acordo com a autora, o aumento de vagas em escolas e o abandono dos homens em busca de ascensão e de oportunidades com melhores prestígios econômicos e sociais, foram fatores que influenciaram a predominância das mulheres no magistério até os dias atuais, mas levar em consideração apenas esses fatores, comparasse a iluminar apenas um lado da história, não podemos discutir e argumentar sobre a escassez do acesso masculino ao espaço da educação básica sem considerar seu contexto histórico feminilizado, as conquistas das mulheres e as transformações, sejam sociais,

culturais ou econômicas que moldam a sociedade e influenciam diretamente no desenvolvimento das profissões.

3.3 Crenças sociais que afastam homens de espaços feminilizados

A presença masculina na Educação Infantil é um fato social considerado improvável na mentalidade da sociedade, em diferentes momentos históricos e diante das diversas culturas a reprodução, considerada algo mais feminino liga-se a maternidade, cuidado e carinho. Refletir sobre a presença masculina na docência da Educação Infantil e as barreiras existentes para atuação docente nos ajudam a compreender as nuances que envolvem essa problemática, fatores históricos e sociais nos revelam pistas que moldam os preconceitos e estereótipos acerca da atuação de homens em classes infantis.

No Brasil, como já destacamos, a educação não surgiu para abranger a necessidade de todas as pessoas, tanto com relação à docência como o acesso aos estudos eram limitados, a imposição de gênero delimitava a educação, sendo um privilégio apenas de homens e grupos religiosos, como aponta Guacira Louro (1997, p. 94):

[...] primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, 'braço espiritual da colonização', para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por esses irmãos (e outras grandes ordens religiosas) constituem-se, pois, num espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar.

Devido às mudanças resultantes da industrialização, o ingresso acelerado das crianças nas instituições escolares se deu mediante a necessidades das mães que começaram a trabalhar fora de casa, necessitava-se de um lugar seguro, para que elas pudessem ser bem cuidadas, desse modo, nesse cenário, o trabalho com as crianças da Educação Infantil foi atribuída às mulheres, de forma que as atividades desenvolvidas durante essa etapa seriam “extensão da maternidade e do lar” (Louro, 1997) , afastando da Educação Infantil pedagogos homens:

[...] desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aulas nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que

acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral (Viana, 2002, p. 85).

O movimento de “saída” dos homens do ensino primário é resultante de um processo histórico, social e econômico, dando espaço para a presença majoritária das mulheres nas turmas de Educação Infantil e nos cursos de Pedagogia, ainda nos dias atuais.

Ao nos debruçarmos na literatura, podemos identificar um intenso debate sobre a influência dos estereótipos de gênero na escolha profissional.

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos"[...] torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres" (Scott, 1995, p.75)

De acordo com Joan Scott (1995), o gênero pode ser compreendido como uma construção histórica, mas também relacional e cultural que dá sentido às práticas sociais por meio das experiências, no que tange a escolha profissional essas “construções” resultam na forma como as profissões são associadas e atribuídas a um dos sexos. Quando um homem escolhe atuar na docência da Educação Infantil, ele rompe e desafia um ideal enraizado nas construções sociais que é a masculinidade hegemônica, conceito “formulado há duas décadas influenciou consideravelmente o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social” (Connel; Messerschmidt, 2013, p.241).

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (Connel; Messerschmidt, 2013, p.245).

Essa masculinidade hegemônica normativa segundo os autores ignora outras formas de ser homem, principalmente as que se distanciam da imagem de um homem viril, dominador, frio e bruto, a quebra dessa masculinidade dominante que acontece quando um homem decide atuar com crianças pequenas, trabalhando principalmente por meio do cuidado, afeto, escuta e que não carregam

características da masculinidade hegemônica faz com que esses homens passem por olhares de suspeitas, vigilâncias e vistos como “menos homens”.

D’Amorim (1997, p.122) define o estereótipo de gênero como “o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas”, assim os indivíduos são impulsionados pelas relações sociais que vão designar normas a serem seguidas apenas por mulheres ou homens, essas normas impactam diretamente na vida pessoal e profissional dos indivíduos. Referente à docência na Educação Infantil, essas normas sociais atribuem essa profissão culturalmente as mulheres, desconsiderando a capacidade do homem de atuar com crianças, que passa a ser visto como um ser perigoso, conforme afirma Sayão (2005, p.273):

É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideais para este tipo de trabalho. No entanto, além de nossas crenças mais comuns e, muitas vezes pré concebidas, o que sabemos sobre como atuam professores em creches?

A autora também nos leva refletir sobre as ideias estereotipadas que percebem as atividades de cuidado corporal, apenas como uma profissão feminina, sendo assim, quando um homem, atravessa essas ideias e entra nesse campo profissional, que historicamente foi atribuído às mulheres, principalmente pelo cuidado com o corpo, pode causar dúvidas, questionamentos, estranheza e conflitos devido aos preconceitos e pensamentos estereotipados do que é permitido ou não ao homem e a mulher profissionalmente:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (Sayão 2005, p.16).

Em consonância, Rabelo (2013, p. 909) afirma que atualmente, “o professor homem torna-se um corpo estranho nas séries iniciais do ensino fundamental” e a chegada de homens na Educação Infantil, espaço majoritariamente feminino causa estranheza, conforme refere Sayão (2005, p. 66) “a chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de

deslocamento, desconfiança e incômodo”, tornando-se o homem “um corpo estranho”, impactando no deslocamento e falta de pertencimento, pois estariam assim, invadindo um espaço, segundo as normas sociais, não recomendado para homens.

Desse modo, as crenças sociais moldam a percepção dos gêneros em contextos educacionais, sendo o homem visto como sexualizado, ativo e potencialmente perigoso, o que frequentemente leva ao preconceito e à sua exclusão de homens nos cuidados infantis. Esse estigma que a docência da Educação Infantil é um trabalho exclusivamente feminino gera barreiras no desenvolvimento profissional de homens que almejam atuar na Educação Infantil, pois a presença de homens na docência de Educação Infantil sempre vem acompanhada de desconfianças, seja da comunidade escolar ou da sociedade.

4 O QUE DIZEM OS DISCENTES HOMENS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMA

Nesta seção abordaremos sobre a presença masculina no curso de Pedagogia, dando luz às falas dos alunos homens que já concluíram o estágio em docência da Educação Infantil e que estão nos últimos períodos da graduação. Para tanto, caracterizamos o campo da pesquisa e os sujeitos que colaboraram na construção desse estudo.

Ouvir e dar voz a esses alunos, analisando as suas narrativas, experiências, trajetórias e motivações nos ajudam a compreender as diferentes perspectivas referente a inserção e atuação como futuros pedagogos na Educação Infantil.

4.1 O campo e os participantes da pesquisa

Com o objetivo de também conhecer o perfil e a trajetória dos alunos homens do curso de Pedagogia da UFMA do campus Bacanga, evidenciamos as principais características dos entrevistados e as suas pretensões de atuação, mapeando qual faixa etária ou etapa da Educação Básica desejam atuar. Desse modo, essa subseção nos ajuda a conhecer o perfil e identidade de cada aluno que participou dessa pesquisa, assim como as características gerais do campo da pesquisa.

Como já afirmamos, a instituição onde ocorreu a pesquisa foi a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na cidade de São Luís - MA, a universidade foi fundada em 1953, tendo sua origem na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís. A UFMA tem sua sede na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, possuindo cursos de graduação e pós-graduação e promove programas de extensão e pesquisa, tornando-se referência no Brasil.

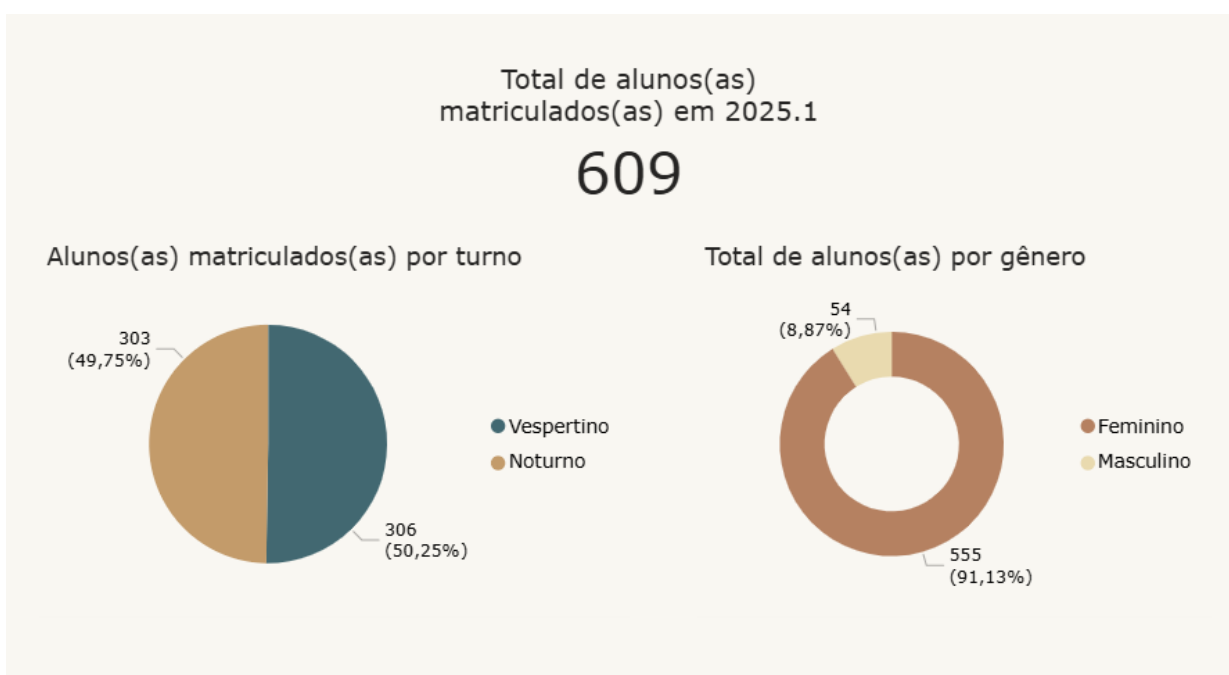
O Curso de Pedagogia da UFMA teve sua origem vinculada a criação da Faculdade de Filosofia de São Luís, fundada em 15 de agosto de 1952 e sua autorização de funcionamento deu-se pelo Decreto nº 32.606 de 23 de abril de 1953.

O curso alinha teoria e prática por meio de disciplinas e estágios, além de promover pesquisa articulada ao ensino e à extensão como princípio formativo indissociáveis, visando formar profissionais para atuarem nos sistemas educacionais, com foco a educação pública e de qualidade. O curso de Pedagogia foi avaliado pelo MEC no primeiro semestre de 2025, obtendo sua renovação e

reconhecimento com a nota 5. O curso é ofertado em dois turnos, vespertino e noturno e completará setenta e três anos de existência em agosto de 2025.

O gráfico a seguir apresenta o percentual total de estudantes homens e mulheres matriculados (as) no primeiro semestre do ano de 2025 no curso de Pedagogia da UFMA, os dados foram fornecidos pela coordenação do curso por meio de uma listagem nominal contendo todos os alunos (as) dos turnos vespertino e noturno com matrículas ativas no período de 2025.1, emitida pelo Sistema Integrado de Gestão de Dados Acadêmicos (SIGAA).

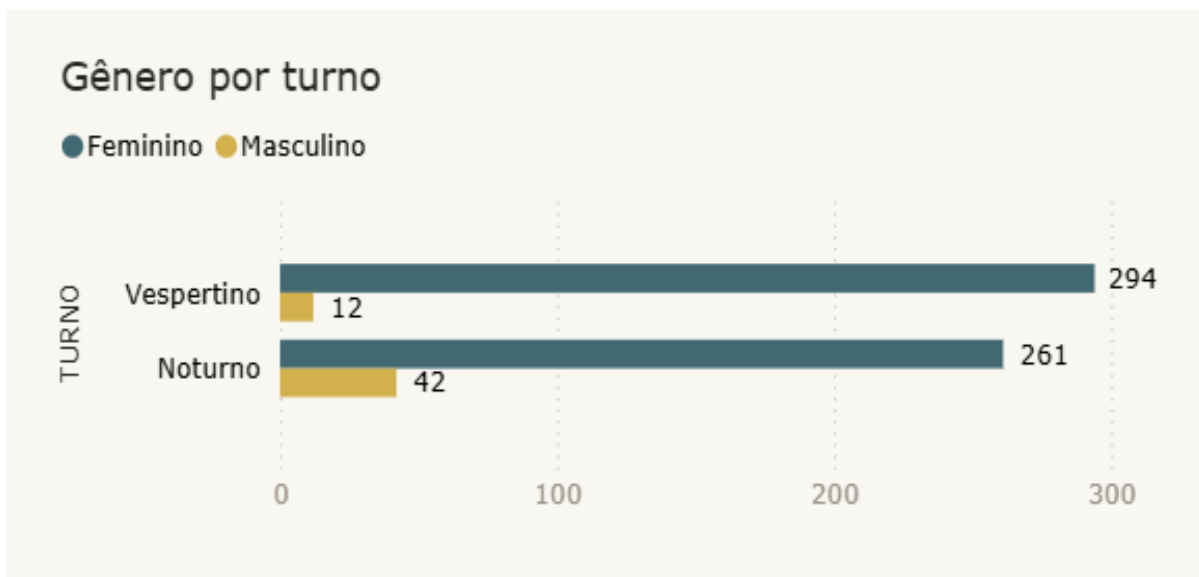
Gráfico 1: Percentual total de alunos (as) matriculados (as) no curso de Pedagogia (UFMA) em 2025.1



Fonte: elaborado pelo autor (2025) a partir dos dados fornecidos pela coordenação do curso de Pedagogia (UFMA)

O gráfico 1 apresenta o número geral dos estudantes matriculados no curso de Pedagogia da UFMA em 2025.2, de um total de 609 alunos (as) matriculados (as) neste semestre, as mulheres, expressivamente somam 91,13% das matrículas ativas, sendo 555 mulheres no total. Os homens somam juntos nos dois turnos do curso apenas 54 estudantes, resultando em um percentual de 8,87% de egressos masculinos nesse período. Na intenção de analisarmos melhor esses dados fornecidos pela coordenação de Pedagogia da UFMA, o gráfico a seguir mostra o número exato de estudantes matriculados (as) por turno.

Gráfico 2: Percentual de alunos (as) matriculados (as) no curso de Pedagogia (UFMA) por turno em 2025.1.



Fonte: elaborado pelo autor (2025) a partir dos dados fornecidos pela coordenação do curso de Pedagogia (UFMA).

O gráfico 2 destaca o número exato de alunos (as) homens e mulheres no curso de Pedagogia da UFMA, separados de acordo com o turno de estudo. Segundo os dados fornecidos pela coordenação, o turno vespertino totaliza 306 estudantes que estão com a matrícula ativa no curso, sendo 294 mulheres que juntas representam 96,1% das matrículas e apenas 12 homens matriculados, totalizando 3,9% das matrículas, nos revelando um número muito baixo da presença masculina nesse turno, não muito diferente do que nos revelam os dados nacionais.

Com relação ao percentual de matrículas ativas no turno noturno, existe um aumento no percentual de homens matriculados com relação ao vespertino, apesar de ainda ser um número significativamente baixo, dos alunos(as) matriculados(as) no turno noturno são encontrados 42 homens matriculados nesse período, representando 13,9% e em contrapartida, as mulheres do turno noturno somam mais que a metade do total de matrículas, dentre as quais temos 261 mulheres matriculadas, representando 86,1%, totalizando no turno noturno do curso de Pedagogia da UFMA, 303 estudantes matriculados(as).

Muito além do que quantificar, esses dados nos mostram que a ausência masculina no curso de pedagogia é real e não é apenas uma questão de estatística, mas que nos revelam a pressão dos discursos ideológicos e relações de poder

impostos pela sociedade que modelam as percepções dos sujeitos sobre o que é “profissão de homem” ou “profissão de mulher”.

Esta pesquisa teve como sujeitos investigados os alunos homens do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a escolha desses sujeitos se dá pelo próprio objetivo geral e objetivos específicos deste trabalho. Para garantir a participação dos estudantes neste estudo, entramos em contato de imediato com a coordenação do curso que nos forneceu a listagem de todos alunos(as) matriculados(as) no semestre, realizamos abordagens por meio de mensagem de texto nos e-mails institucionais, grupos de WhatsApp da Pedagogia e grupos de disciplinas isoladas para conseguirmos identificar esses alunos, após os contatos, apenas 6 alunos responderam de imediato, mostraram interesse em colaborar com esse estudo e agendaram a entrevista conforme as suas disponibilidades, acreditamos que dar voz a esses alunos que são pertencentes desse espaço marcado por estereótipos de gênero é uma forma também de incentivá-los na jornada acadêmica e futura atuação docente, potencializando suas trajetórias, sua existência e o sentimento de pertencimento.

A seleção dos participantes considerou aqueles que já estão nos últimos períodos do curso que tenham realizado o Estágio em Docência da Educação Infantil e que tivessem disponibilidade para contribuir com a investigação. No que tange os riscos à integridade dos alunos que realizaram a entrevista, a pesquisa não apresentou nenhum tipo de risco aos mesmos. Mas apesar de não demonstrar riscos aos estudantes, alguns demonstraram estarem intimidados ou envergonhados por se tratar de suas vivências, falas, reflexões e percepções.

Contudo, todos os alunos concordaram com a divulgação e identificação do uso de nome, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**Anexo 1**), para tanto, utilizaremos apenas o primeiro nome de cada aluno no processo de análise dos dados, os discentes demonstraram profundo apreço pela temática e por poderem colaborar com a produção deste trabalho, destacando que não devemos normalizar a ausência masculina no curso de Pedagogia e na atuação docente.

A seguir descrevemos as principais informações relacionadas a identidade desses alunos, idade, gênero, orientação sexual e a etapa ou faixa etária que pretendem atuar após concluírem a graduação:

- **Aparício Sousa da Costa**, 24 anos, homem cisgênero, heterossexual, 9º período (turno vespertino), expressou desejo de atuar na **Educação Infantil e nos anos iniciais (1º e 2º ano)**, como parte de um projeto de carreira que envolve também a futura atuação no **Ensino Superior**. Contudo, revelou incerteza quanto à permanência na Educação Infantil, considerando os desafios da área.
- **Diego Lopes Ribeiro**, 28 anos, homem cisgênero, homossexual, 10º período (turno vespertino), afirmou não se identifica com a **Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental**, principalmente com turmas de alfabetização. Por outro lado, demonstrou afinidade com **turmas do 4º e 5º ano**, onde se percebe mais preparado para atuar.
- **João Pedro Araújo Cruz**, 23 anos, homem cisgênero, heterossexual, 8º período (turno noturno), demonstrou interesse em atuar nos **anos iniciais do Ensino Fundamental**, relatando identificação e conforto com essa etapa.
- **Jonas Moraes**, 24 anos, homem cisgênero, heterossexual, 12º período (turno vespertino), relatou interesse em trabalhar com o **Ensino Fundamental** e em **espaços clínicos**, dispensando a possibilidade de atuar na docência da Educação Infantil.
- **Márcio José Soares Pinheiro**, 49 anos, homem cisgênero, heterossexual, 9º período (turno noturno), planeja concluir sua formação em 2026 e expressou intenção de trabalhar no **Ensino Fundamental**, sem menção de interesse pela Educação Infantil.
- **Maxsuel da Silva**, 36 anos, homem cisgênero, heterossexual, 7º período fatorial (turno noturno), destacou não ter interesse em atuar na Educação Infantil, preferindo trabalhar no **Ensino Fundamental**, ainda que reconheça que sua atuação futura dependerá das oportunidades disponíveis.
- **Victor Manuel da Silva Aguiar**, 25 anos, homem cisgênero, homossexual, 7º período (turno noturno), pretende atuar na **Educação de Jovens e Adultos (EJA)**, área na qual se sente mais vocacionado e motivado a contribuir.

Destacar e apresentar as características relacionadas a identidade desses estudantes é uma forma de potencializar a subjetividade de cada indivíduo, pois entendemos que “a identidade é simplesmente aquilo que se é” (Silva, 2014, p.74), e são essas características pessoais que moldam a forma de cada um ao

experimentar as vivências no meio social, (re)conhecendo assim as diferentes identidades.

De acordo com as informações iniciais, os estudantes que participaram da entrevista possuem idade entre 23 a 49 anos, estão matriculados entre o 7º e 12º período do curso, alguns já tendo ultrapassado o prazo mínimo para a conclusão da graduação. Três estão matriculados no curso vespertino e quatro no turno noturno.

Dentre os entrevistados apenas o aluno Aparício demonstra interesse em iniciar a sua jornada profissional na docência da Educação Infantil, mas com a ressalva que em seguida pretende atuar nos anos base da alfabetização e Ensino Superior, os alunos Diego, Jonas, Márcio e Maxsuel pretendem atuar no Ensino Fundamental ou nas outras áreas de atuação do pedagogo, como a atuação em clínicas, e por fim, o aluno Victor que deseja atuar na docência da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Todos os participantes se identificam sendo homem cisgênero e com relação a orientação sexual dos entrevistados, dois dos alunos identificam-se como homossexuais e os outros cinco como heterossexuais.

4.2 Perspectivas sobre a atuação docente em um território historicamente feminino

Para discutirmos sobre a presença masculina em espaços ocupados predominantemente por mulheres, se faz necessário entender as percepções dos alunos homens dentro do curso de Pedagogia, visto que a sociedade é marcada por diferentes estereótipos de gênero e imposições sociais, principalmente no que diz respeito à atuação docente na Educação Infantil. Portanto, conhecer as motivações que levaram esses estudantes a escolherem o curso de Pedagogia, ou não, nos ajudam a compreender os trajetos, vivências, desafios e ressignificações que envolvem o seu processo formativo.

Desse modo, nos propomos a compreender como esses alunos se conectam com a sua formação docente e como futuros pedagogos desde a escolha (ou não) do curso como primeira opção, investigamos também as suas impressões sobre sua presença nas salas de aulas, caminhada acadêmica, entrada nos estágios obrigatórios e/ou não obrigatórios e a reação dos seus familiares e entorno social ao escolherem o curso de Pedagogia

Ao serem questionados se a Pedagogia havia sido a primeira opção no SISU, dos sete alunos entrevistados apenas **Aparício** havia colocado a pedagogia como primeira opção, segundo o aluno sua nota dava oportunidade de ingressar em cursos que segundo a sociedade são de grande prestígio como Direito, Medicina Veterinária e Psicologia *“eu digo que eu despenquei na pedagogia, porque quando eu fiz meu processo seletivo, o ENEM, a minha nota dava margem para outros cursos bem distantes da pedagogia”*¹ (Aparício).

João, Márcio, Maxsuel afirmam que a Pedagogia não havia sido suas escolhas iniciais e ingressaram por questões de notas ou limitações de turno e os demais fizeram transferência interna ou trocas de curso, como no caso de **Diego** que após o Ensino Médio entrou na universidade cursando licenciatura em Química, **Victor** cursou alguns períodos do curso de Bacharel em Nutrição e **Jonas** não havia colocado a Pedagogia na primeira opção mas ao conseguir passar para o curso que desejava decidiu optar por continuar na Pedagogia, apesar de não terem optado inicialmente pelo curso, todos os entrevistados demonstraram identificação e sentimento de pertencimento ao longo da caminhada já percorrida que está prestes a se findar no curso de Pedagogia.

Para Guacira Louro (1997), a divisão do trabalho por meio de um viés sexual impacta diretamente na escolha profissional dos sujeitos, desse modo as oportunidades e os campos de atuação ficam limitados tanto para os homens quanto para as mulheres, o que pode levar à permanência de desigualdades. Se tratando da Pedagogia e da Educação Infantil, Duarte (2023) em sua Tese de mestrado afirma:

A educação infantil não se resume somente ao cuidado, mas também ao ato de educar, o que é de grande importância nesta primeira etapa do ensino e exigirá do docente maior preparo quanto aos conhecimentos pedagógicos e sobre o desenvolvimento infantil (Duarte, 2023, p.15).

O simples fato de combinar cuidar e educar implica na percepção que muitos homens têm sobre o curso de Pedagogia não ser um curso para homens, que equivocadamente pensam que a Pedagogia é uma profissão apenas feminina, afastando-os cada vez mais devido a essa associação, resultando em homens que não conseguem e nem consideraram a possibilidade de cursarem e se tornarem

¹ A partir dessa seção utilizamos a fonte *Itálico* para diferenciar as falas dos entrevistados e a dos autores.

Pedagogos ou de sequer cogitarem atuar nos espaços educacionais que atendem crianças bem pequenas, esquecendo que a Educação Infantil vai muito além do cuidar, existe intencionalidade pedagógica, desenvolvimento de competências e habilidades e constante formação das crianças e professoras(es).

Ser um aluno homem do curso de Pedagogia é uma realidade que vem acompanhada de muitas inquietações, dúvidas e questionamentos, mas para tanto, perceber essa atuação masculina nos leva a ir além e constatar as motivações que levam esses homens a adentrar esse espaço predominantemente feminino. Ao serem questionados sobre os sentimentos que os motivam a serem alunos do curso de Pedagogia, podemos perceber três categorias destacadas pelos alunos que têm influência direta da inspiração de professores estabelecida por meio da boa relação aluno/professor enquanto estudantes da Educação Básica, a visão da educação como ato de transformação e a vocação interna e influência de familiares.

A imagem do professor como inspirador foi relatada por alguns dos alunos, reforçando a importância dos exemplos positivos de professores e professoras que impactam diretamente na vida dos estudantes. João afirmou: *“Tive uma inspiração em um professor de história que eu conheci e a forma que ele trabalhava me encantou muito”*. Victor compartilhou um sentimento semelhante: *“Foi um professor que me incentivou”*.

Para alguns dos alunos entrevistados, as motivações diante o curso relaciona-se com a transformação que é promovida através do acesso à educação e a busca por transformação social. **Diego** afirmou: *“Escolhi Pedagogia porque acredito na educação como forma de transformação e quero contribuir para uma escola mais justa e humanizada”*. **Maxsuel**, por sua vez trouxe relatos de uma trajetória marcada por vulnerabilidades sociais, perda do seu pai e infelizmente, o envolvimento com a dependência química:

Eu vim da Zona Rural, sou filho de um pai caminhoneiro, meu pai morreu quando eu tinha dezesseis anos [...] Então, eu fui dependente químico dos dezessete aos vinte e dois[...] Depois eu fui fazer o ensino técnico no IFMA, né? E lá eu comecei a me engajar com o movimento estudantil e nesse envolvimento com o movimento estudantil eu comecei a gostar dessa questão da educação, né? Eu achava importante e aí eu fiz o Enem (Maxsuel).

A fala do aluno **Maxsuel** nos leva a refletir sobre como o envolvimento com movimentos sociais e a luta incansável por direitos básicos pode despertar nas pessoas um desejo político e pedagógico. Os relatos acima e os escritos de Paulo

Freire (1996) nos levam a acreditar que o professor é um sujeito histórico, que é capaz de transformar o seu entorno social de maneira dialógica e de forma ética.

[...]quando eu me percebi já estava na pedagogia, não sei se ia ser o certo, mas eu digo que foi algo que sempre estava dentro de mim e eu apenas não tinha tocado ainda, a parte de lecionar sempre estava comigo desde o tempo de escola (Aparício).

Minha Paixão pelo ensino (Jonas).

Na verdade, o mais próximo da motivação que eu tive foi duas irmãs minhas que já atuam na área do curso de Pedagogia (Márcio).

Aparício e Jonas relatam que a paixão por lecionar sempre esteve presente com eles e Márcio pondera a influência de suas irmãs que já são pedagogas. Esses relatos finais nos revelam uma percepção que a docência pode ser percebida também como uma vocação e para muitas famílias pode ser entendida como herança afetiva, como relata **Márcio**.

A decisão de cursar Pedagogia é uma decisão totalmente individual e pessoal, mas apesar disso, podemos perceber que tal decisão, embora pessoal, é acompanhada de diversos questionamentos que não partem apenas do indivíduo consigo mesmo, mas são marcadas também por dúvidas, questionamentos, estranhamentos que intensificam as representações sociais de gênero. Ao serem questionados sobre a reação das suas famílias e o entorno social que vivem quando foram aprovados no curso de Pedagogia, podemos perceber na fala de três entrevistados que houve resistências e preconceitos sociais de alguns familiares, amigos, mas também dos próprios alunos:

No começo sempre tem essa questão do preconceito. Porque a pedagogia de forma geral é vista como sempre para a mulher. Desde muito tempo sempre é a mulher que é vista como docente dos anos iniciais do curso infantil. Mas foi um pouco difícil até para que eu mesmo aceitasse isso. Mas depois que eu me acostumei, entendi o objetivo do curso e também a turma que eu entrei era uma das turmas maiores do sexo masculino, tinha muitos homens, ainda tem muitos homens, então isso me ajudou muito, porque eu não estava ali sozinho e já tinha muita gente do sexo masculino (João).

A gente sempre ouve uma piadinha ou outra, mas nada que me motivasse ou que me gerasse alguma angústia, alguma chateação. E aí é raro a gente encontrar homens na docência, na educação infantil. É raro a gente encontrar homens na docência, na educação infantil (Maxsuel).

Márcio comenta: “Meu pai botou a mão na cabeça e disse: Esse não! Esse não era para tu ter escolhido. Minha mãe disse que era mais fácil eu conseguir um emprego”. Assim, podemos perceber que o homem quando “fura a bolha” e se aproxima dessa profissão tida como apenas para as mulheres gera reações que vão

desde curiosidades até as “piadinhas” como destacadas por **Maxsuel** e são vistos como “menos homem” de acordo com as imposições sociais que marcam os corpos sendo homens ou mulheres, conforme afirma Monteiro(2021, p.75):

[...] as diferentes instâncias sociais, entre elas a Escola, produzem um conjunto de símbolos e significados que marcam de modo diferenciado os corpos dos sujeitos do gênero masculino e feminino, suas aparências, seus modos de ser e se comportar, resultando em noções estereotipadas acerca do que é, e pode ser “homem” ou “mulher”.

Mas, apesar dessas instâncias, o encontro com outros homens dentro do curso de pedagogia pode auxiliar na superação desses estigmas, onde o estudante vai encontrar referências e deixar o sentimento de solidão acadêmica.

Apesar das desmotivações por parte dos pais de **Márcio**, o apoio familiar e de amigos esteve presente na fala dos demais entrevistados,

Por parte da família, acredito, assim, que não teve um grande impacto, até porque ninguém da minha família é formado. Entre amigos também, apesar de que antigamente se tinha essa ideia de que a pedagogia era só para a mulher, porque é a mulher que cuida de criança e aí, inclusive, a pedagogia foi criada justamente para isso. Mas hoje em dia está um pouco mudado, apesar desses entraves, eles acharam interessante eu fazer o curso de pedagogia (Victor).

Diego afirmou que a sua família não se opôs a sua decisão e **Jonas** destaca que a sua mãe *“foi a principal responsável pelo meu início, foi quem mais me apoiou”*, o apoio familiar é essencial para motivação e permanência desses alunos nesse espaço, que muitas vezes já sofrem preconceitos do meio social que estão inseridos, sendo assim, a família se mostra um importante alicerce e abrigo. **Aparício** revela que para sua família foi tranquilo e que houve paz em relação a sua escolha, mas que *“deram aqueles empecilhos, das dificuldades que todo mundo já sabe que a profissão tem, questão do financeiro, de ganhar pouco, as dificuldades de como é a educação no Brasil, mas não me assustou não”*.

As falas sobre a desvalorização financeira citada pelos familiares de **Aparício** também podem ser entendidas por distinções de gênero. Segundo (Fávaro, 2020, p.27):

As profissões sofrem influência das diferenciações de gênero colocando homens e mulheres em patamares distintos da sociedade onde há uma maior desvalorização das profissões tidas como femininas, entre elas, a docência nas etapas iniciais da escolarização.

Em consonância, Monteiro (2021, p. 82) afirma que:

É preciso entender que o pedagogo ganha pouco, porque faz parte de uma categoria que é desvalorizada financeiramente. Como se percebe, são qualidades que transcendem os limites do fisiológico e se estende a todo o corpo social, adjetivando, como masculino ou feminino, gestos, comportamentos, cores, identidades sexuais, roupas, músicas, esportes, profissões, gêneros literários, tarefas domésticas e assim por diante.

As influências das diferenciações de gênero ajudam a normalizar que as mulheres podem trabalhar em condições insalubres e precárias, com baixas remunerações, mas provoca inquietações quando um homem guiado por suas escolhas pretende atuar na docência da Educação Infantil, mesmo conhecendo essas limitações internas e externas, dados nos revelam a escassez de professores homens na docência da Educação Infantil, sendo mais comum encontrar professores homens nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Como educandos em formação e futuros educadores, os alunos foram questionados sobre o que pensam sobre a baixa presença masculina na docência da Educação Infantil.

Acredito que isso tem muito a ver com a forma como a sociedade ainda enxerga o trabalho com a educação e o cuidado como algo naturalmente ligado às mulheres. Essa vivência me fez refletir sobre os estereótipos de gênero na profissão e a importância de romper com eles (Diego).

Eu realmente fico, digamos que intimidado, mas assim, como eu já pesquisei sobre o curso, contextualizando um pouquinho, o curso ele foi formado, ele foi criado justamente para as mulheres, porque se tinha essa ideia de que mulher é que tinha que cuidar de criança e aí não se vê muitos homens dentro do curso e das escolas justamente por causa disso (Victor).

Sim, penso que o homem naturalmente não possui as mesmas valências que a mulher no trabalho com crianças da educação infantil, a maneira delas com as crianças é algo especial (Jonas).

Eu já tive um estágio na educação infantil, já fiz e uma das inquietações que eu levei para a professora supervisora foi isso, a questão de como o homem é visto principalmente na educação infantil, porque a gente sabe que há um certo olhar, principalmente da parte da família, das companheiras de serviço, porque não é algo recorrente ver um homem na educação infantil (João).

As falas desses quatro participantes nos demonstram como a docência na Educação Infantil é um campo profissional marcado pelos estereótipos de gênero que foram construídos historicamente como a educação de crianças pequenas e o cuidado sendo associados apenas ao feminino, como destaca **Victor**.

Diego aponta que esses pensamentos são resultados de construções sociais, mas que precisam urgentemente serem rompidos, **João** relata por meio de uma experiência em estágio que os olhares de suspeita e estranhamento recaem quando

um homem chega na escola de Educação Infantil para atuar como professor ou estagiário.

As falas de **Jonas** reforçam os pensamentos estereotipados sobre os homens na Educação Infantil, ao falar que os homens não possuem as mesmas “valências” que aqui podem ser entendidas como habilidades para atuar com crianças pequenas. Mas essas falas nos levam a refletir e concordar com Andrade (2022, p.103) que afirma:

A presença masculina, neste contexto, trata-se do rompimento de barreiras sociais, ao mostrar que com a devida formação, uma pessoa, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, pode exercer qualquer profissão que deseje.

Desse modo, um homem ocupar esse espaço pode até causar estranhezas, olhares de suspeitas e segregação, mas significa também um rompimento daquilo que é tido como anormal ou diferente, romper essas barreiras construídas socialmente se torna o primeiro passo para estabelecer que independente do gênero, das orientações sexuais, raça, cultura ou posicionamento político, homens e mulheres podem ocupar os espaços que almejam por meio do seu trabalho, do seu desenvolvimento profissional e das suas contribuições na efetivação de um trabalho de qualidade.

Ainda sobre o que pensam os entrevistados sobre a rara presença masculina na Educação Infantil, os demais alunos destacam:

Raríssimos, as oportunidades que eu tenho de convívio com professor atuando na educação infantil, geralmente são professores de disciplinas extracurriculares, tipo música, alguns de inglês, educação física, mas como regente de sala, para ser sincero, eu nunca olhei (Aparício).

Assim, eu tenho feito essas perguntas até quando as disciplinas estavam sendo online e os professores traziam professoras convidadas. Essa era praticamente minha pergunta base, alguma vez já teve um professor homem? Professor de educação infantil? Lá na escola? E todas elas diziam que não. Teve um que chegou mais perto, ela disse que enviaram para lá, mas ele era de música e ele passou um tempinho, até que as crianças gostaram dele (Márcio).

Aparício e Márcio relatam algo que não está fora da realidade ludovicense e possivelmente das demais cidades do País, um professor homem atuando na Educação Infantil geralmente vai ser um professor de disciplinas isoladas ou extracurriculares como a Educação Física, Teatro, Música, Ciências e outras disciplinas, sendo “comum”, pois estes atuam em horários específicos, mas com as

professoras regentes ou auxiliares em sala, mas na maioria das vezes das vezes, esse professor nunca vai ser o pedagogo ou o professor regente e isso se torna evidente quando **Maxuel**, ao longo de sua fala cita um amigo, formado em pedagogia e que passou pelas frustrações de após ter formado em Pedagogia não conseguir oportunidades na rede privada de São Luís:

Então, dez anos atrás, eu conheci um amigo na pedagogia, já na metade do curso. E ele é um homem grande, gordo, extremamente barbudo, lembra o Thor da mitologia, roqueiro[.] Ele já estava meio desesperançoso, porque não se via naquela época uma iniciativa para homens trabalhando na educação infantil. Quando ele se forma, eu encontro ele e quando eu o encontrei, ele tinha feito a barba, raspando a barba, tinha cortado o cabelo, que era muito comprido, para tentar tirar um pouco daquele ar de homem muito masculinizado, né? Meio ogro, para tentar se adaptar, para tentar trabalhar na rede particular aqui em São Luís e não teve sucesso, encontro ele triste e a gente percebe que, na rede privada, não se aceita muito os homens, pelo menos eu não conheço homens na educação infantil. Mas, assim, como a gente percebe aqui na cidade, na rede privada não absorve, né? A não ser que se faça um concurso para se trabalhar na rede pública (Maxsuel).

A triste realidade do amigo de **Maxsuel** é a realidade de tantos outros alunos homens que se formam no curso de Pedagogia e nos atravessa de forma particular enquanto alunos homens de Pedagogia ainda em formação, o que nos leva a refletir sobre as incertezas e frustrações que podem surgir após conclusão do curso, o diploma não é garantia de sucesso profissional, mas o que se pode perceber por meio deste relato são questões de gênero, que impedem homens de adentrar esse espaço, principalmente na rede privada onde a educação e as crianças são vistas como mercadorias, onde o que prevalece é o senso comum e o valor que sai dos bolsos dos pais.

A caracterização do amigo de **Maxsuel** e as estratégias que ele precisou fazer em seu corpo para “suavizar” sua imagem demonstram as barreiras sociais e estéticas que acompanham tanto os corpos femininos, como os masculinos que incansavelmente tentam se adequar para serem aceitos, sobretudo aos homens que precisam parecer um pouco mais “sensível” ou “cuidadoso” para tentar ser aceito e conquistar a empregabilidade nas escolas de Educação Infantil. Dessa forma, Silva (2010, p.114) reflete que:

O estudo da inserção do homem em uma instituição de educação infantil, como professor, provoca a emergência de uma série de sentidos e significados relacionados a padrões estereotipados de gênero e de papéis associados ao masculino e ao feminino, geralmente fundamentados em

argumentos biológicos que naturalizam características que são, na verdade, construídas histórica e culturalmente. Além disso, emergem sentidos e significados sobre família, sobre infância e sobre a responsabilidade do cuidado e educação da criança assim como sobre a própria função da educação infantil.

A inclusão de professores homens na docência na Educação Infantil torna-se uma problemática emergente, pois a docência na Educação Infantil mostra-se como um espaço de exclusão para os homens que desejam atuar como docentes, por meio de atravessamentos negativos como os estigmas, restrições institucionais e falta de oportunidades de trabalho, para tanto, a relação de cuidado ligado apenas a feminilidade precisa ser desmistificada, dando espaço e acolhimento para esses sujeitos, não havendo a necessidade de negação das suas próprias identidades para serem aceitos.

A seguir, debateremos sobre os desafios enfrentados pelos alunos homens no curso de Pedagogia nos estágios em docência da Educação Infantil, bem como as possíveis estratégias para inserção de homens nesse espaço e as contribuições da docência masculina para as crianças da Educação Infantil.

5 DOCÊNCIA E MASCULINIDADES: EXISTE ESPAÇO PARA O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Nesta seção abordaremos sobre a presença masculina no curso de Pedagogia, levando em consideração o sentimento que envolve os homens do curso com relação a sua presença nesse espaço predominantemente feminino, as suas relações com as colegas de curso, bem como suas experiências ao realizarem o estágio em docência da Educação Infantil, reconhecendo esse momento como um marco importante na formação de qualquer professor mas que vem acompanhado desencontros, tensões, estranhamentos e desafios que envolvem a figura masculina em creches e escolas de Educação Infantil.

Para além disso, acreditamos que a inserção desses alunos homens nestes espaços é um primeiro passo para a desconstrução dos estereótipos de gênero que envolvem a docência masculina nessa etapa da Educação e refletiremos sobre as possíveis contribuições da presença dos alunos e professores homens no desenvolvimento das crianças e rompimento dos limites e barreiras sociais

5.1 Desafios da escolha profissional no imaginário social

Ser homem no curso de Pedagogia é um marco de desconstrução das construções sociais que determinam as profissões como “trabalho de homem” e/ou “trabalho de mulher”, quando um homem rompe esse fato, muitas são as tensões que os cercam, levando muitas das vezes as desmotivações, desinteresses e desejos de desistir. Ao serem questionados sobre o que é ser homem no curso de Pedagogia, podemos perceber ao longo da fala dos alunos que ser homem, em um espaço feminilizado, é desafiador, desconfortável, difícil e solitário.

É desafiador, eu digo que é uma formação solitária, a gente encontra poucos, eu mesmo no meu período, só encontrei junto agora você e o João, juntando vocês dois, acho que deram cinco homens durante todos esses anos e muitos nem sequer cursaram o curso todo, saíram, também eu acho que o nível de evasão é muito grande de homens na pedagogia. A entrada já é pouca, o nível de evasão é maior ainda (Aparício).

É desconfortável ter apenas mulheres como colegas, para mim desde o início foi um desafio, me senti desde o começo um peixe fora d'água (Jonas).

Difícil, porque a gente dentro da sala de aula enfrenta muitos olhares atravessados para a gente, eu confesso que eu tenho várias colegas que

não falam comigo desde que começou o curso e eu não entendo porquê. Não é porque eu não tentei, mas a gente tentou, eu falo isso porque outros colegas que são do meu grupo, a gente tem acesso com várias colegas, a gente conversa, brinca tranquilamente. Mas tem colegas que não, sempre olham a gente com um olhar atravessado e mesmo quando a gente tenta estar ali junto já nos repreenderam de forma muito forte, dizendo que não precisavam da gente ali. Então é algo muito recorrente, algo muito forte que infelizmente a gente passa no curso (João).

Existem algumas disciplinas que eu participo que eu encontro três, quatro homens. Já teve uma disciplina que eu fui o único homem. Até as frases das professoras, são “elas”, “vocês professoras”, “alunas”. Então, às vezes elas esquecem, mas assim, as professoras fazem um esforço de deixar o ambiente bem sociável, bem tranquilo para a gente. Ah, tem umas que empolgam, né? “Não, a Pedagogia precisa de homens e tal”. Faz aquele recebimento, aquele acolhimento que é até bom. Mas assim, no geral, às vezes eu percebo que eu fico no canto em relação às moças da Pedagogia e à minha pessoa, não só por ser homem, mas por já ter um pouco mais de idade (Márcio).

O sentimento de solidão mencionado por **Aparício**, o desconforto que menciona **Jonas** e a falta de abertura e exclusão com as alunas mulheres mencionadas por **João** e **Márcio** podem ser entendidas como expressões, que segundo Guacira Louro (1997) são como “deslocamento de gênero”, onde apesar de estarem e pertencerem a esse espaço, o corpo masculino é percebido como intruso e fora do lugar. Dessa forma, dar voz e entender essas trajetórias se faz necessário para a superação de preconceitos e situações constrangedoras como as mencionadas pelos entrevistados, conforme Monteiro (2021, p.78):

[...] entender os fatores que provocam desconfortos e conflitos na sua trajetória acadêmica se faz necessário no sentido de contribuir para a superação de preconceitos ainda presentes quando se fala da presença masculina nas etapas iniciais da Educação Básica, bem como para refletir sobre a necessidade de mudança dessa realidade, como também para ajudar a formular representações sociais nesse curso mais plurais.

Ainda respondendo sobre o que é ser homem na Pedagogia, **Maxuel** relata o seguinte:

Ah, é um pouco estranho, né? Porque a grande maioria são mulheres, acho que são personalidades diferentes [...] eu não me sinto muito confortável nesse sentido, porque eu não sei o que o outro aparenta, né? E eu sou um homem grande, gordo, barbudo, né? Não sei como muitas pessoas me veem, mas eu tento ser o máximo simpático, divertido, para não parecer rígido ou gerar transtorno específico que pudesse me impedir de ter uma tratativa dentro da turma, dentro da pedagogia. Mas, como eu falei, eu tento trabalhar isso para cada turma nova que me conhece, né? Para ser agradável para a turma e tal (Maxsuel).

A fala de **Maxsuel**, nos leva a refletir mais uma vez sobre a pressão e necessidade incansável de tentar se “adequar” para ser aceito, conforme Sayão (2005) que analisa esse ato de “adequar-se” como uma das estratégias para suavizar traços que possam parecer agressivos ou inadequados para esse espaço.

Ser homem na Pedagogia é estar em um espaço majoritariamente feminino, o que ainda causa certo estranhamento. De certa forma, romper com esses padrões é essencial para compreendermos que o homem também pode educar com sensibilidade (Diego).

É um pouco desafiador, porque, eu nem sei dizer assim, porque é muita questão feminina, apesar de eu ser homossexual, mas eu não tive tanto esse contato, com criança, por exemplo, então o curso ele basicamente oferece, vindo pra outra linha de raciocínio, apenas o curso oferece a formação basicamente para atuar na escola, pra cuidar de criança, não tem as outras áreas como administração e tal, então eu fico um pouco intimidado, por isso que eu resolvi escolher a área da EJA porque já é algo mais adulto (Victor).

Diego e **Victor** demonstram um certo desconforto em relação ao currículo e estrutura do curso, **Victor** fala sobre o fato da estrutura curricular do curso ter muitas disciplinas que só enfatizam a docência com crianças e demonstra insatisfação com a falta de outros componentes curriculares, ao analisarmos a estrutura curricular do curso de Pedagogia da UFMA, percebemos a necessidade de uma estruturação melhor e inclusão de outras disciplinas como as que debatem gênero, entretanto, podemos verificar que existe uma diversidade de conteúdos e disciplinas que compõem toda a grade curricular do curso, como gestão, políticas educacionais, estudos diversificados, fundamentos e metodologia da EJA, entre outras disciplinas que nem sempre estão ligadas a Educação Infantil.

A fala de **Diego**, por outro lado, nos leva a refletir sobre a necessidade e a possibilidade de romper com os padrões impostos e entender que o afeto e sensibilidade também podem ser características masculinas.

Monteiro (2021) ao trazer na sua tese de mestrado as representações dos alunos do gênero masculino no curso de Pedagogia, identificou que muitos dos desafios enfrentados por esses estudantes ficam cada vez mais evidentes ao adentrarem o campo de estágio. O estágio em Docência da Educação Infantil é um componente obrigatório do currículo do curso de licenciatura em Pedagogia, sendo fundamental para a práxis educativa e construção da identidade docente.

O estágio configurado como espaço de pesquisa nos cursos de formação, além de contribuir para a construção da identidade docente, amplia e aprofunda o conhecimento pedagógico e da práxis educativa docente [...]” (Pimenta; Lima, 2019, p. 6).

Dessa forma, todos os entrevistados da pesquisa já realizaram o devido estágio, as escolas campo de estágio tornam-se o espaço onde a teoria encontra a prática, lugar de descobertas e pesquisa que auxiliam na construção de um professor crítico reflexivo, apesar das contribuições significativas para a formação docente, é possível constatar que as vivências nos estágios revelam as sutilezas do cotidiano educacional, como os inúmeros desafios internos e externos que atravessam os espaços educacionais, para os alunos homens do curso de licenciatura em Pedagogia os desafios são ainda maiores.

Segundo Monteiro (2021, p.78) “As dificuldades enfrentadas se acentuam na fase dos estágios supervisionados, que é o momento em que eles buscam oportunidades para experimentar a docência em escolas de Educação Infantil”. Andrade (2022) em sua tese de mestrado constatou inclusive, que um dos alunos entrevistados em sua pesquisa chegou a ser limitado, pois devido ao fato de ser homem, era impedido de acompanhar as turmas de Educação Infantil na escola que realizava o estágio. Ao serem convidados a relatarem sobre suas experiências nos estágios em docência da Educação Infantil, podemos constatar que o principal desafio enfrentado por esses alunos é o preconceito e as desconfianças por questões de gênero.

As dificuldades geralmente são, olhares de julgamento, exclusão, a gente recebe muita exclusão ainda, das atividades práticas, questão do preconceito, de ambientes que não pode ficar com a criança, a questão de higienização também é uma coisa bem polêmica, eu particularmente para evitar problemas evito ao máximo, eu não eu faço higienização da criança mesmo que seja ambiente de trabalho, pode ser quem ordenar, eu sempre me respaldo, porque eu nunca sei como essa informação vai chegar nos pais, como os pais vão interpretar, então, algumas coisas acabam me privando muito, dentro da educação infantil (Aparício).

Acredito que a maior dificuldade é a falta de confiança por parte dos pais, por não confiarem na segurança dos seus filhos na presença de uma figura masculina (Diego).

As falas dos alunos revelam que ao homem pedagogo na Educação infantil sempre recairá olhares de julgamento, **Aparício** destaca as restrições que o professor homem enfrenta como as que envolvem a higienização das crianças e a exclusão de atividades práticas que devido ao toque, demonstrações de afeto e carinho entre a criança e o professor podem ser mal interpretadas pela instituição de ensino, demais profissionais e os pais.

[...] a presença do professor do sexo masculino no espaço escolar, ainda gera certo estranhamento e medo, uma vez que as famílias assim como alguns membros da comunidade escolar sentem receio do trabalho desses professores para com as crianças (Fávaro, 2020, p.9).

Além dos preconceitos, outro desafio mencionado pelos estudantes é a exclusão e a impossibilidade de realizarem suas práticas pedagógicas, conforme afirma **Márcio** e **Victor**:

Nos dias que eu fiquei na creche, esse foi um estágio bastante de observação, porque até mesmo a sala que nós ficamos, nós percebemos assim que as professoras não, para ser sincero, não valorizaram muito. Nós estávamos em três, e a gente sentia que elas faziam a rotina delas e para a gente só observar, isso foi um tanto distante. Quando a gente se aproximava das crianças e tal, elas também não diziam nada, mas na questão de ajudar, de participar, foi um pouco distante (Márcio).

Eu acho que foi realmente de mostrar a minha posição, a minha opinião, então quando se tem um homem dentro de um grupo onde só tem mulheres, a nossa opinião meia que é invalidada até pelo fato de que a sociedade tem essa questão do patriarcado, de que o homem está sempre fazendo coisa errada, de fato tem, mas tem outros que querem ajudar, mas não são ouvidos, e acho que essa é uma dificuldade que eu vejo, de a gente que é homem dentro do curso que só tem mulheres, da gente ser escutado (Victor).

A desvalorização que ocorre dos professores com os estagiários, conforme afirma **Márcio**, pode prejudicar na relação durante o período de estágio e limitar as possíveis contribuições dos estagiários para o campo educacional como futuros professores em processo formativo.

A dificuldade relatada por **Victor**, embora possa acontecer e passar de forma despercebida é igualmente relevante, a anulação da opinião de um estudante/estagiário, independente do espaço que esteja, pode resultar em silenciamentos que podem impactar na troca entre os alunos, coordenação pedagógica e a relação professor e família, dificultando a escuta e o diálogo. As dificuldades pedagógicas também são barreiras mencionadas pelos alunos:

[...] acredito que a docência para educação infantil era quase que um sacerdócio mesmo, porque quando a gente escolhe ser docente, a gente não escolhe pelo dinheiro. Às vezes, parece que quando vamos para uma escola, a gente está numa escola de guerrilha, porque não tem estrutura. A maior dificuldade é lidar com muitas crianças quando elas são muito agitadas, que é quase o tempo inteiro, em determinadas escolas que a gente acaba participando. Então, assim eu também não quero ser professor da educação infantil, e eu nunca busquei, nunca busquei ferramentas específicas para lidar com as crianças, para ajudar ali, né? Assim, eu não sou um general dentro da escola, dentro da sala de aula e tal, mas eu não tenho ferramentas como outras colegas têm para amenizar essas questões de agitação das crianças, né? (Maxsuel).

Maxsuel destaca a falta de estrutura das escolas públicas, mas também menciona que a forma de contornar situações inesperadas como o grande número de crianças dentro de uma sala como um desafio, demonstrando que não se sente preparado para mensurar questões emocionais, que envolvem aspectos cognitivo e comportamental das crianças. **Jonas** relata a falta de criatividade “*Acredito que as técnicas, as propostas e a criatividade são as minhas maiores dificuldades*” (Jonas), mas essas habilidades, podem ser potencializadas com a prática, formações e especializações específicas.

Após relatarem sobre os desafios que enfrentaram ao longo do estágio em docência da Educação infantil, os alunos foram levados a refletirem, mesmo aqueles que não pretendem atuar nessa etapa da educação, sobre quais possíveis restrições profissionais que eles encontrarão quanto a sua atuação na Educação Infantil por serem homens. “*Acredito que acharão que por ser homem eu não vou conseguir*” (Jonas), o aluno sem pensar muito já destaca uma imposição social que perpassa por muitos anos. **João, Aparício e Maxsuel** destacam a relação com as famílias:

Bom, eu penso que principalmente em relação às famílias, porque não é algo muito recorrente você ter um homem na educação infantil, e querendo ou não, ainda é algo muito restrito, muito singular, onde se tem a tia, que é a professora que cuida das crianças. Então, ter uma visão de que não é uma tia que está ajudando aquela criança ter experiências de aprendizagem um pouco diferente, principalmente quando se fala de homem, porque se considera que o homem não tem afetividade, que não tem o carinho, a atenção, que não tem o zelo que teria a mulher, mas é algo que eu considero e também dentro do campo de pedagogia com as professoras e professores que nós encontramos por aí, porque há uns certos olhares diferentes (João).

Muitas, muitas, mas eu, eu sempre tenho uma boa aceitação dos pais, quando os pais me conhecem como pessoa, então, eu vou ter algumas dificuldades, algumas restrições, mas creio que seja por um determinado tempo, até eu conseguir mostrar o que eu consigo, o meu trabalho. Acho que nós que somos homens dentro da licenciatura, da pedagogia, a gente querendo ou não, se vê obrigado a se provar por meio do nosso trabalho, não é para pessoa, mas como trabalho é ali que a gente vai conquistando o nosso esforço, a gente só precisa ali de uma oportunidade e que alguém veja a gente também como um professor, que tem o mesmo afeto que uma mulher pode ter para uma criança nova, ensinar. Até porque o ensino começou com os homens, depois que foi alternado para as mulheres e hoje é a mulher que predomina, então, é algo que a gente também pode estar conduzindo, tem um espaço ali para a gente também, na educação infantil (Aparício).

A dificuldade seria essa de ter uma resistência externa dos pais e tal, e eu acredito muito que, por exemplo, a gente não vê estagiário homem, eu chego na hora do almoço e eu só vejo meninas novas. A gente não tem só

jovens no curso de pedagogia, né? A gente só vê meninas jovens, com um certo padrão estético, um certo tipo de corpo, e aí com a camisa, com a logo da instituição, e de leg. A gente não vê homens com camisas das instituições na hora do almoço, né? E eu, por exemplo, só vejo mulheres. E isso tira até qualquer tipo de vontade de buscar, porque a gente sabe que vai receber ou não (Maxsuel).

Jonas ainda declara: *“Preconceito por acharem que apresentamos algum tipo de perigo por sermos homens, talvez por acharem que todo homem é violento ou assediador”*. Na mesma vertente, **Márcio**, **Victor** e **Maxsuel** refletem sobre as relações de cuidado, abuso e assédio sendo uma das principais restrições profissionais que podem enfrentar.

Eu entendo que isso pode variar de escola para a escola. [...] mas ao mesmo tempo eu sei que quando eu chegar em uma escola eu vou ter limitações logo de cara. Uma delas vai ser essa de não aceite menino no colo, não levar menino no banheiro. Então eu já sei que praticamente vai ser mais essa e eu sei que vai ser mais fácil me contratar como auxiliar de professor do que diretamente como professor, então eu já estou pronto com essa realidade, apesar de saber que, claro, isso pode levar um tempo para que eles me conheçam, para que eles se acostumem com a minha metodologia de trabalho e talvez queiram continuar comigo lá na escola (Márcio).

Na educação infantil, principalmente na creche, por exemplo, tem a questão de banhar as crianças, tem a parte de lanche, de dormir ali, de botar as crianças para dormir. Eu acredito que essas partes, as pessoas, os professores e os pais dos alunos, principalmente, ficam com receio de ver um homem dentro desses momentos. Então acho que essas são as restrições que a gente poderá ter (Victor).

[...] eu acho que por eu ser grande, barbudo e gordo, sou relativamente grande e eu acho que meu corpo chega primeiro do que qualquer outra coisa. Então, assim, acho que impactaria mais a questão do meu corpo que acaba sendo o que a gente chama de heteronormativo, né? E eu não tenho, por mais que eu tente ser agradável, eu tento manter minha voz agradável, eu tento ter meus movimentos de forma agradável, cuidadosos com as pessoas, eu não gostaria de ter que ser muito delicadinho e eu vou dizer desse jeito, entre aspas, muito delicadinho para a mamãe, o papai. Claro, a gente é gentil na fala, mas ali de uma forma onde eu tivesse que fazer um personagem para os pais e para que fosse bem recebido, né? Mas, claro, a gente tem a linguagem para cada público, para as crianças também é uma outra linguagem que a gente usa (Maxsuel).

Os alunos destacam as restrições que envolvem principalmente a relação do seu corpo e o cuidado corporal das crianças. Como é evidente nas creches, muitas crianças ainda precisam de auxílio para o momento do banho, troca, alimentação e momento da soneca, essa restrição tão pouco leva em consideração as técnicas e o trato do (a) profissional docente da turma, mas está ancorada em medos sociais, estereótipos de gênero e desconfianças e preconceitos.

Nessa mesma perspectiva das falas de **Márcio e Victor**, Duarte (2023) em sua tese de mestrado constatou por meio da fala de professores homens que atuam nas escolas de São Paulo possuem alguns medos por serem homens que estão em contato direto com crianças, medos esses que não temeriam caso fossem mulheres.

Os receios de possíveis abusos foram destaques, nos depoimentos, pois a comunidade escolar tende a apontar questionamentos à gestão e o professor homem deve passar pelo crivo avaliativo, de maneira a se mostrar apto ao trabalho o mesmo não ocorre com a mulher [...] O medo apontado pelo professor de que uma criança se machuque, sob seus cuidados, pode estar associado à ideia de que o homem não é capaz de cuidar de crianças e que, quando uma criança, sob seus cuidados, se machuca, ele deve ser considerado inapto para estar ali (Duarte, 2023, p.111).

Esses medos e restrições também acompanham os professores já atuantes na Educação Infantil, como destaca Fávaro (2020) na análise de entrevista de um dos seus entrevistados:

Rodrigo afirma que era influenciado pelo pensamento social de que a educação infantil não seria uma etapa de ensino adequada para os professores do sexo masculino e reconhece que seu antigo pensamento como um “pré-conceito” que tinha sobre sua profissão, vinculada ao gênero. [...] aspectos ligados à afetividade presente na profissão, além de mostrar seu descontentamento frente à ideia de que os homens não seriam capazes de demonstrar carinho (Fávaro, 2020. p.61-62).

Assim como os desafios relatados pelos alunos entrevistados que ainda estão em processo de formação, Fávaro (2020) em sua tese de mestrado expõe que os professores que participaram do seu estudo mencionam inúmeras dificuldades que enfrentaram ao longo de suas trajetórias enquanto docentes de crianças pequenas, mas que percebem que não sofreriam caso fossem do sexo feminino, como fato de ter que “provar” sua capacidade para atuarem nesses espaços, ou seja, aos pedagogos homens não basta cumprir o pré requisito exigido pelas legislações.

É possível constatar que os desafios enfrentados por estudantes homens do curso de Pedagogia ao realizarem os estágios obrigatório e de professores homens que já atuam nesses espaços supera as barreiras físicas e estruturais das escolas, os preconceitos e estereótipos de gênero citados inicialmente pelos alunos se concretizam pelo fato de que “existem padrões a serem desempenhado por homens e mulheres, sendo esses padrões reproduzidos e mantidos por diversos setores da sociedade” (Fávaro, 2020, p.116), padrões que influenciam na forma que o professor

homem será tratado ao atuar na docência da Educação Infantil, apenas por ser homem.

5.2 Caminhos para a inserção e permanência de homens na Pedagogia e docência da Educação Infantil

Falar sobre a docência na Educação Infantil nos leva a refletir sobre esse espaço que historicamente passou por diversas transformações, mas que apesar dos grandes marcos, essas mudanças não aconteceram de forma repentina. A título de ilustração, pode-se mencionar a LDB que por meio do seu ofício norteia a Educação Nacional e as suas atualizações contribuíram para o aumento da presença masculina na Educação Infantil ao determinar que estados e municípios deveriam obrigatoriamente realizar concursos públicos para tentar conter a lacuna que o magistério estava enfrentando no Brasil, principalmente nas creches e pré-escolas, consolidando a Educação Infantil como uma etapa valiosa para a Educação Básica.

Significativamente, a presença feminina na docência das creches e pré-escolas é muito maior que a presença masculina, nessa perspectiva, os estudantes foram questionados sobre as estratégias que seriam necessárias para romper os estereótipos de gênero e tornar a docência masculina na Educação Infantil algo comum. As falas podem ser agrupadas e relacionadas, propondo formação e políticas públicas educacionais, assim como o confronto contra os estereótipos de gênero e preconceitos e também a inserção e valorização profissional.

Eu acho que é o que deve ser feito de base. No caso, quem já está na educação infantil precisa trabalhar desde cedo para que as crianças vejam que não é o homem ou a mulher, mas sim o docente que está ali, porque é algo que as crianças veem como se fosse uma segunda casa, onde tem uma mãe que vai cuidar, mas não é isso a educação infantil, é onde a criança vai ter experiências que ela vai aprender, aprender brincando. Então, são coisas que precisa-se trabalhar dentro de casa, os pais devem trabalhar isso, a escola precisa também trabalhar isso e principalmente quem coordena tudo isso, no caso da educação infantil aqui é a SEMED, trabalhar com os professores, gestores, com as famílias para mostrar que é algo que também é lugar de homens, principalmente nos cursos e divulgar às mulheres e homens que é um curso aberto. Não é só de mulher ou só de homem, é um curso de quem gosta de ensinar, de quem gosta de trabalhar, de quem gosta de ver as pessoas aprendendo (João).

Eu acho que isso é um trabalho histórico, não é algo que a gente vai conseguir do dia para a noite, até porque é algo que está bastante

enraizado, tanto nas ideologias como nas estruturas da sociedade e escola, É um trabalho ali de formiguinha que vai ter que passar espaço por espaço, etapa por etapa, ambiente por ambiente, não adianta a gente querer fazer uma mudança dentro das salas de aula, sendo que a mudança tem que começar desde o ato de contratação, pelo ato de entrevista, de gestão, eu creio que desde formações, bastante formações acerca de gênero, trazer situações do dia a dia[...]que a gente possa investir em formações, são elas que vão ser um dos caminhos principais, para que a gente possa familiarizar mais esse ambiente com o homem (Aparício).

Eu acho que fazer como você está fazendo aqui, trazer esse tema pra dentro da universidade, da sala de aula, assim como outros temas são levados para dentro da sala de aula, esse tema que não é muito falado seria importante levar para as professoras, principalmente na formação de formadores ali. Acho que é bem importante levar nesse momento para formação de formadores, para os professores, para eles se perceberem que esse também é um assunto que deve ser debatido, que deve ser levado em questão para solucionar o problema (Victor).

Em consonância com as falas dos três alunos, (Fávaro 2020, p.73) conclui que “[...] ainda é algo comum no imaginário social de que ser professor e professora na Educação Infantil é uma atividade que não exige das políticas públicas uma sólida formação, bastando práticas maternas de cuidado, a maternagem”.

João, Aparício e Victor enfatizam a importância de formações e de se debater essa temática, nas escolas, universidades, cursos e formações, de modo que as relações de gênero venham ser conhecidas e debatidas em todos os âmbitos da sociedade, não só no contexto escolar, por mais que esse processo seja longo e demorado como mencionado por **Aparício**.

A inclusão de homens na Educação Infantil e cursos de Pedagogia também possibilitaria a quebra de preconceitos e estereótipos gênero,

A gente está dentro de um sistema, na rede pública, a gente não precisa quebrar essa resistência, porque, se eu passo, eu estou lá, é o espaço que eu ocupei, é meu, eu estou dentro daquela vaga por mérito intelectual. Na rede pública, se há algum tipo de resistência, ou até para evitar ela, acho que uma apresentação por parte da gestão, com os pais, uma fala, essa quebra de estereótipos, ela já ajudava. Na rede privada, teria que mudar a mente coletiva, a mente social. Como eles estão preocupados com ganhar capital, com ganhar dinheiro, com produto, mercadoria, as crianças como mercadoria. Não tem alternativa, eu não vejo alternativa. A gente percebe que quando a pessoa tem mais dinheiro, ela é mais ignorante, mais machista, mais homofóbico (Maxsuel).

Se por exemplo, se uns pais veem um homem que não necessariamente possa ser afeminado, ou que possa não ser gay, ou se ele tem traços héteros rígidos, ele possa não ser visto como um bom professor, ele possa estar ali com más intenções, por exemplo. Isso me parece perceber na sociedade, que a criança não está segura, esse é um dos preconceitos que eu vejo com o homem, e outro porque só a mulher que teria um cuidado que uma criança pequena, né? Que tem cuidado materno. Então, acho que

esses preconceitos que os homens sofrem, independente de orientação sexual (Maxsuel).

A fala de **Maxsuel** nos revela que a presença do homem na Educação Infantil ainda impacta, principalmente nas redes privadas de ensino e em famílias conservadoras e extremistas, ao longo de sua fala o aluno ainda denuncia o comportamento padrão de uma classe elitista e discriminatória, “No âmbito externo, as dificuldades começam a aparecer nas recusas das escolas por medo das reações dos familiares dos alunos” (Monteiro, 2021, p.98), esse pensamento também se compara com as falas partilhadas por **Aparício e Márcio**:

[...] existem como em qualquer profissão, profissionais malfeitores e com malícias, que não são de bom caráter, a gente na pedagogia também tem, mas não é só homem, também tem mulheres, a gente já cansou de ver casos de creches de professoras maltratando crianças e tudo mais, então, é um perigo, a ameaça pode vir de todo mundo [...] (Aparício).

Eu vi até uma gestora da liberdade, ela disse que existe esse preconceito em relação à presença masculina na sala da educação infantil e a preferência por mulheres, mas ao mesmo tempo se ignora tantas coisas erradas que muitas mulheres e muitas professoras fazem em relação a crianças e que não são poucas. Ela estava deixando claro que apesar de haver esse preconceito com homens, as mulheres também fazem coisas erradas. Então eu acho que a única forma mesmo é quando as escolas passarem a ter essa oportunidade (Márcio).

Márcio ao destacar que as escolas precisam dar oportunidades para os homens nos leva a compreender que a próxima categoria encontrada nas falas dos alunos é sobre a inserção e valorização desses rapazes que desejam atuar nas escolas de Educação Infantil.

Eu creio que a primeira coisa seria as escolas abrirem esse espaço para professores do sexo masculino. [...] Então é um processo, porque eu estou aqui já faz seis anos e eu não vejo assim que a universidade tenha alguma política em relação às escolas conveniadas para estágios não obrigatórios para dizer assim “nós estamos incentivando a contratação de rapazes aqui, tem muitos rapazes no curso de pedagogia e eles são muito bons no que fazem, tal, indicar”, eu não vejo isso. Então acaba havendo uma barreira ainda maior. O próprio curso não indica. Acho que talvez, além disso, o curso ajudando seria uma parceria ideal (Márcio).

Diego também acredita que “Permitir o ingresso de homens nas instituições de ensino desta modalidade” sem essas barreiras sociais nas creches e pré-escola é fundamental para o aumento de representatividade masculinas na Educação Infantil,

Jonas concorda que é necessário *“Dar aos homens que têm interesse, acolhimento e toda assistência e escuta que forem necessárias”*.

Desse modo, as falas dos alunos nos levam a refletir que para a tornar a presença masculina nas turmas de Educação Infantil, faz-se necessário uma intermediação de estratégias, como formação continuada, ações educacionais, por meio das escolas, universidades e SEMED, valorização profissional, mudanças sociais e culturais que contribuem para a promoção de um espaço escolar cada vez mais distante de estereótipos e barreiras sociais. Para além disso, destaca-se que tais estratégias não objetivam impor a presença masculina, mas naturalizar os diferentes tipos de profissionais que podem atuar na Educação Infantil.

5.2.1 A contribuição do pedagogo homem para a construção de uma educação mais igualitária

Apesar da presença escassa de pedagogos homens nas turmas de Educação Infantil, podemos perceber contribuições efetivas que auxiliam nas experiências e no desenvolvimento integral das crianças. Com base na entrevista realizada com os alunos do curso de pedagogia, ao serem questionados sobre as possíveis contribuições da atuação do professor homem na Educação Infantil, podemos identificar categorias importantes para a relação aluno-professor como as referências de gênero e combate aos estereótipos:

A presença masculina na Educação Infantil amplia as referências de cuidado e afeto, quebra estereótipos de gênero e mostra às crianças que o cuidado também é papel dos homens, permitindo que as futuras gerações não enxerguem apenas a mulher no trabalho de ensino e cuidado, abrindo mais possibilidades e quebrando estereótipos tanto para as mulheres quanto para os homens (Diego).

Bom, eu penso que pode contribuir justamente para que ela não venha ter um olhar totalmente paternalista, mas sim ela vai ver um professor que pode respeitá-la, que pode tratá-la, que pode estar junto com ela ali. Principalmente, as contribuições que um professor pode dar é justamente o fato de que a criança vai poder interagir com ele, trabalhar com ele, estar junto com ele [...] então, a contribuição é que vai variar muito esse trabalho, que vai ter uma perspectiva de gênero diferente da grande maioria. Apesar de que já há várias visões, mas eu creio que vai ampliar ainda mais essa visão do que é educação infantil e suas variáveis (João).

Muitas porque geralmente as crianças pensam, as crianças não, os pais e responsáveis pensam que o ato de cuidar, do afeto, geralmente vem só da mulher, eu tenho esse lado, mas a gente homem também tem esse lado

afetivo, temos o lado do amor, do cuidado, da atenção, do brincar, e creio que da mesma forma que a mulher pode contribuir, nós homens também podemos, e até em alguns pontos de forma diferente, tem pontos que a mulher pode contribuir e que nós homens não podemos, tem pontos que nós homens podemos contribuir, mas que também fogem um pouco a presença das mulheres, então todos nós temos algo para acrescentar e deixar isso só na mão de um é um pouco complicado, mas que aos poucos a gente vai conseguindo mostrar nossa contribuição (Aparício).

Desse modo, a presença masculina na educação infantil pode desconstruir os estereótipos e determinações sociais que impõem a ideia que cuidado e afeto são exclusivamente femininos, a desconstrução dessas ideias que se intensificam cotidianamente pode contribuir para a transformação de pensamentos e de uma geração menos limitada aos estereótipos de gênero. Conectando-se com a fala dos três alunos, podemos confirmar por meio dos escritos de (Fávaro, 2020. p.118)

[...] o homem pode sim, cuidar, quebrando assim, paulatinamente, o estranhamento que este assunto provoca, como também gerando benefícios para as próprias crianças, que serão expostas a diversos modos de cuidado e possibilitando que vivenciem, desde da infância, outros modelos de masculinidades.

Em concordância com a autora, **Márcio, Jonas e Victor** também relatam que uma das contribuições da presença masculina na Educação Infantil são os exemplos de masculinidade positiva e afetividade:

A gente sabe que a criança vê na professora um parente. Para alguns, a professora é tida com uma mãe. Então ela se aproxima dela. Mas a criança também sente falta de um pai, digamos assim. Ela também sente falta de uma representação masculina. A professora está ali para entender todo o processo educacional, mas a criança sente falta dessa presença. E um homem, ele transmite segurança para a criança, ele também é um representante de família ali naquela classe. E as próprias crianças têm curiosidades que elas gostariam de tirar com o professor homem. Então poderia auxiliar muito, sem contar na contribuição que um homem dá para uma escola. Em muitos casos e às vezes assim, eles ignoram e acabam tendo que chamar outros para ajudar (Márcio)

Reforça a figura de um homem que as cuide bem, que as ensine com amor, que seja carinhoso com elas, divertido e lúdico (Jonas).

É, como eu já tinha comentado anteriormente, eu tive aquela experiência das crianças e os meninos se espelharem em mim porque eles só tinham professoras mulheres. Então, aquelas crianças, por exemplo, que não tem o pai, acho que seria de uma grande ajuda ter uma figura masculina dentro da sala de aula, até porque a sala de aula é um lugar onde a criança vai aprender não só questões de conhecimento específico, mas questão de ética, de comportamento e tendo uma figura masculina, principalmente para as crianças que não tem pai presente, seria de uma grande ajuda (Victor)

Assim, a presença masculina pode reforçar a importância de exemplos positivos em uma sociedade atravessada por perfis negativos de homens e mulheres auxiliando no combate do aumento do machismo, sexismo e homofobia. Essas contribuições segundo (Fávaro, 2020, p.98):

[...] podemos perceber como a presença do homem na sala de aula do ensino infantil é tão importante, uma vez que contribui para que as crianças sejam apresentadas a um modelo de homem cuidador desde pequenas, modelo este de masculinidade que muitas vezes não terão dentro de suas famílias.

Essa contribuição também seria essencial para transformações históricas que envolvem o conceito de masculinidade hegemônica, a partir desses exemplos positivos de masculinidades podemos presenciar a mudança social e cultural de modelos masculinos opressores para modelos inspiradores, que vão na contramão das imposições de gênero “Talvez fosse possível uma maneira de ser homem mais humana, menos opressiva, pudesse se tornar hegemônica como parte de um processo que levaria à abolição das hierarquias de gênero” (Connell; Messerschmitt, 2013, p.245).

Outra categoria presente na fala dos alunos é a inspiração profissional para as crianças e a valorização do magistério:

Eu acho que, enquanto gênero, tanto o homem quanto a mulher, eles acabam desenvolvendo alguns papéis distintos e tal, mas não que um não possa fazer o papel do outro, nessa sociedade que a gente vive. Então, eu acho que o homem, na educação infantil, pode trazer algumas referências importantes, inclusive de ser um professor. Na fase adulta, talvez falte isso também, para que a gente possa ter interesse em ser educador. E aí, não estou falando só de pedagogia [...] eu acho que trazer essas referências para as crianças, que a gente está tendo um déficit de licenciaturas, eu acho que abrir esse espaço para os professores na educação infantil pode ser um pouco dessa ponta, essa inspiração para a academia, para esse retorno dos jovens para as universidades (Maxsuel).

Atualmente o Brasil sofre um “apagão” de professores, dados recentes mostram que o desinteresse perpassa principalmente pelos fatores de risco que são resultados de condições precárias do trabalho docente, assim como a baixa remuneração, uma das estratégias do Governo Federal é implementação do “Programa Mais Professores para o Brasil” que visa a valorização e adequação da atuação docente. A fala de **Maxsuel** nos leva a refletir que em um cenário onde podemos ter um déficit significativo de professores(as), reforçar a valorização do magistério por meio da inclusão de professores homens nas escolas pode colaborar

nas estratégias de reverter esse cenário, desconstruir os estereótipos de gênero sobre a atuação na Educação Infantil, assim como contribuir para a valorização do magistério e de exemplos de professores homens nas docências de creches, pré escolas e todas etapas da educação básica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste estudo nos possibilitou compreender as perspectivas dos estudantes homens do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bem como compreender os desafios enfrentados no processo formativo desses estudantes e refletir sobre as estratégias e contribuições da presença masculina na docência da Educação Infantil.

O estado da Questão nos auxiliou no levantamento bibliográfico e a identificação de uma lacuna nos estudos que tratem essa problemática nos últimos dois anos, principalmente na região nordeste e na cidade de São Luís - MA, para além disso, o levantamento bibliográfico nos revela que apesar das transformações históricas, sociais e culturais, o homem que deseja cursar Pedagogia e atuar na docência de crianças pequenas ainda é visto com olhar de estranhamento, medo e inquietações que são demarcados por estereótipos de gênero que são perpassados durante décadas em uma sociedade que determina o que deve ou não ser seguido por homens e mulheres.

A pesquisa nos revela que os estereótipos de gênero estão profundamente enraizados na construção sociocultural e que exaltar a presença majoritária feminina na Educação Infantil apenas pela ideologia que é uma “vocação natural” e/ou “materna” resulta de uma construção social que potencializa a desmotivação de homens que desejem atuar nessa etapa da Educação Básica, mas que também desvaloriza, anula e diminui o movimento incansável de lutas das mulheres por direito a educação, entrada no mercado de trabalho e direitos iguais como o processo de feminização do magistério.

A percepção sobre a presença masculina na Educação Infantil é permeada pelos estereótipos de gênero que determinam o que é permitido ou não ao masculino, como às determinações dos “trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres”. Os resultados nos revelam que apesar de serem estudantes e pertencerem ao curso de Pedagogia, os homens enfrentam barreiras e limitações que vão além do físico, desde o sentimento de solidão por falta de referências masculinas no curso de Pedagogia, os estigmas com relação a sua orientação sexual e os olhares atravessados de suspeitas e estranhamentos que os acompanha ao longo do processo formativo até os estereótipos de gênero que associam o cuidar e educar como atividade meramente feminina, influenciando

diretamente na evasão e falta de representatividade masculina na Pedagogia e a baixa atuação docente masculina nas escolas de Educação Infantil. Apesar das limitações apontadas, os entrevistados compreendem a educação como um processo formativo capaz de transformar a sociedade e romper com os estigmas de gênero e influenciar grandes passos para as mudanças sociais.

É possível constatar a urgência dos debates sobre as diferentes imposições de gênero em todas as instâncias sociais, ser professor homem e da Educação Infantil coloca à prova diferentes fatores que não são exigidos como pré-requisitos nos concursos, seletivos ou no ato de contratação de escolas públicas ou privadas, mas que ficam visíveis quando esse espaço é ocupado por um homem para exercer a docência.

Os resultados também indicam que a presença masculina na Educação Infantil não apenas contribui para pluralizar e diversificar o corpo docente, mas também enriquece e auxilia na experiência educacional das crianças, ao favorecer o contato com diferentes modelos de identidades de gênero, ampliar as referências profissionais e possibilitar a desconstrução de construções sociais como a que envolve o conceito de masculinidade hegemônica.

Com base nas narrativas dos estudantes podemos perceber que para que ocorra a inclusão e a permanência de homens na docência da Educação Infantil e nas turmas dos cursos de Pedagogia em todo Brasil, faz-se necessário um movimento para a erradicação dos estereótipos de gênero enraizados na sociedade que legitima o que deve ou não ser seguido por um homem ou por uma mulher, assim, necessita-se de uma formação inicial e continuada que seja sensível e diversificada, a reformulação dos currículos e disciplinas que debatam as relações, construções, estereótipos e limitações de gênero desde os períodos iniciais da formação, assim como formações pedagógicas dentro da rede de ensino, evidenciando as inconsistências educacionais e profissionais que envolvem meninos e meninas, homens e mulheres.

Constatamos ainda a necessidade de implementação de políticas públicas educacionais que incentivem e valorizem homens e mulheres a ocuparem os cargos que almejam, impulsionando a entrada e permanência de homens na Pedagogia, demais licenciaturas e atuando nas creches e pré-escolas como docentes da Educação Infantil, suprimindo o déficit de professores que ocorre em todo o território nacional.

Desse modo, compreende-se que uma atuação fundamentada na perspectiva de gênero é essencial para a promoção da igualdade e da não discriminação das pessoas ao reconhecer as diferenças e os papéis socialmente construídos, garantindo que barreiras estruturais não impeçam homens e mulheres de acessarem e exercerem plenamente seus direitos. Que a valorização da presença masculina na Educação Infantil não seja compreendida como uma exceção ou concessão, mas como um paço para a garantia de direitos, construção de uma educação plural, valorizando a diversidade de experiências e ampliando os repertórios de uma masculinidade positiva, ética, sensível e comprometida com o cuidar e educar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Acesso em: 17 maio 2025.

ANDRADE, Thiago Nicolau Ferreira. **Homens pedagogos**: uma análise do trabalho docente na educação infantil da rede municipal de Goiânia (2018-2022). 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. [Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827, p. 71 v. 1 pt. I].

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

CASTILHO, Jade. **Apagão de professores**: Brasil pode ter déficit de até 235 mil docentes até 2040. Fundação Carlos Chagas, 28 de mai. de 2025. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fluxo-educacao/apagao-de-professores-brasil-deficit-de-ate-235-mil-docentes-ate-2040/>. Acesso em: 10 de jul. de 2025.

Coleção de Leis do Império do Brasil - 1827, p. 71, Vol. 1 pt. I (Publicação Original).

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 10 jul. 2025.

D'AMORIM, Maria Alice. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto. Vol.5 no.3, p.122, (dez), 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v5n3/v5n3a10.pdf>

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves. **Gênero e Educação**: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade da cidade de São Paulo - UNICID, São Paulo, 2023.

FÁVARO Jéssica Daniele. **Professores homens**: suas trajetórias na educação infantil. 2020. Dissertação de mestrado (Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2020.

FERNANDES, Rogério. KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (Org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 67-80.

KUHLMANN Jr., Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 5-18, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02>>. Acesso em: 08 de jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2ª ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.

MONTEIRO, Gabriel Rocha. **As representações dos alunos do gênero masculino no Curso de Pedagogia**: homens e identidades na rota de conflitos. 2021. 123 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas - PPGFOPRED) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. **Os trabalhos científicos e o estado da questão**. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 15. n. 30, p. 5-16, 2004.

PASSOS, Robervaldo Neri dos Santos; MACEDO, Alice Costa. Afeto é palavra masculina: experiências de um estagiário da Educação Infantil no recôncavo da Bahia. **Zero-as-seis**, v. 22 n. 42 (2020): Dossiê: Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões disputas e confluência.

PENA, Alexandra. Formação de professores de Educação Infantil: memória, narrativa e inteireza. **Revista Educação & Formação**, v. 1, p. 72-86, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/124>. Acesso em: 29 mar. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágios supervisionados e o programa institucional de bolsa de iniciação à docência: duas faces da mesma moeda?** Revista Brasileira de Educação, v. 24, 2019 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240001>. Acesso em: 09 jul. 2025.

PIAZZETTA, Tamara. O masculino na docência na educação infantil e anos iniciais. **Sbece**, v. 14, n. 14, mai./jul./ago. 2000, p. 61-88.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Rio Grande do Sul - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n.4, out/dez - 2013, p.907-925.

RODRIGUES, Daniela Silveira. **Professor Reflexivo**. 2016. Monografia (Graduação de Letras e Artes) - Universidade Estadual da Paraíba, [S. l.], 2016.

SANTOS, João Vitor Barbosa; SANTOS, Carla Manuella de Oliveira. “Mãe, eu tenho cinco tias”: Um relato de experiência da presença masculina na creche. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 2616–2627, 2023. DOI: 10.48017/dj.v8i3.2526. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2526. Acesso em: 8 jul. 2025.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 10 jul, 2025.

SILVIA, Ana Beatriz B. **Bullying: Mentres perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIANNA, Claudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 17-18, p.81-103, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?lang=pt> Acesso em: 31, mar. 2025.

YIN, Robert Kuo-zuir. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi - 2.ed. Porto Alegre : Bookman, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO: IDADE: GÊNERO: ORIENTAÇÃO SEXUAL:
PERÍODO: TURNO:
COM QUAL FAIXA ETÁRIA OU ETAPA DO ENSINO PRETENDE E QUAL NÃO PRETENDE TRABALHAR?

Questões:

- 1) O Curso de Pedagogia era a sua primeira opção de escolha no SISU? Comente:
- 2) Qual a sua motivação pela escolha do curso?
- 3) Como foi para a sua família e entorno social a sua escolha pelo curso de Pedagogia?
- 4) É raro encontrar homens atuando na docência da Educação Infantil, o que você pensa sobre isso?
- 5) Comente um pouco sobre o que é ser homem no curso de Pedagogia?
- 6) Já sofreu alguma discriminação por ser aluno desse curso? Comente:
- 7) Quais as maiores dificuldades enfrentadas nas suas experiências com a docência da educação infantil? (estágio obrigatório e/ou não obrigatório)
- 8) Futuramente, quais restrições profissionais você acredita que encontrará quanto a sua atuação na Educação Infantil por ser homem?
- 9) Quais as possíveis estratégias você acredita que seriam necessárias para romper os estereótipos de gênero e tornar a docência masculina na EI algo comum?
- 10) Em sua opinião, quais as contribuições da presença masculina na EI para as crianças?

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este documento visa solicitar sua participação no Trabalho de Final de Curso (TCC) intitulado **“HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Perspectivas e desafios dos estudantes de Pedagogia da UFMA”** que objetiva **“compreender as percepções de alunos homens do Curso de Pedagogia da UFMA sobre a atuação masculina na educação infantil, bem como os desafios e as possíveis contribuições dessa presença no processo educacional”**, em desenvolvimento pela/o estudante **Nadson Nascimento Martins**, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob a orientação da Profa. Dra. SIRLENE MOTA PINHEIRO DA SILVA. Para isso, solicitamos sua valorosa contribuição concedendo entrevista individual, gravada em áudio.

Por intermédio deste Termo lhe será garantido os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) **sigilo absoluto sobre nomes**, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal, salvo **AUTORIZAÇÃO de uso do NOME** abaixo assinado; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa”.

Obs. AUTORIZO o uso de meu nome nos documentos da pesquisa.

_____, ____ de _____ de 2025.

Colaborador/a: _____

Endereço: _____

Tel.: _____ e-mail: _____

Assinatura da/o Colaborador/a